



1290001960



FE

TCC/UNICAMP Si38n

# NESTA TRIBO CABEM TODOS: A ESCOLA CURUMIM E A INCLUSÃO ESCOLAR

Por

Ana Flávia Valente Teixeira da Silva

Monografia Apresentada à  
Faculdade de Educação  
Universidade Estadual de Campinas  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Teresa Eglér Mantoan

200507053

2004

Bib id 344620

UNIDADE	F.E
Nº CHAMADA:	TCC UNICAMP
	Si 38n
V:	1960
TOMBO:	866005
PREC:	X
C:	28/11/05
PREC:	31/03/05
DATA:	
Nº CPD:	

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Si38n	Silva, Ana Flávia Valente Teixeira da. Nesta tribo cabem todos : a Escola Curumim e a inclusão escolar / Ana Flávia Valente Teixeira da Silva. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.  Orientador : Maria Teresa Egler Mantoan. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.  1. Freinet, Celestin, 1897-1966. 2. Freinet, Método de educação. 3. Diversidade. I. Mantoan, Maria Teresa Egler. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
-------	---

05-19

## ÍNDICE

	Página
INTRODUÇÃO.....	01
I . SOBRE CÉLESTIN FREINET .....	03
O nascimento de uma pedagogia para o povo	
A Pedagogia Freinet	
As Invariantes Pedagógicas	
II . A INCLUSÃO ESCOLAR .....	25
III . ESCOLA CURUMIM - NESTA TRIBO CABEM TODOS.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
LISTA DE ANEXOS.....	68

## Introdução

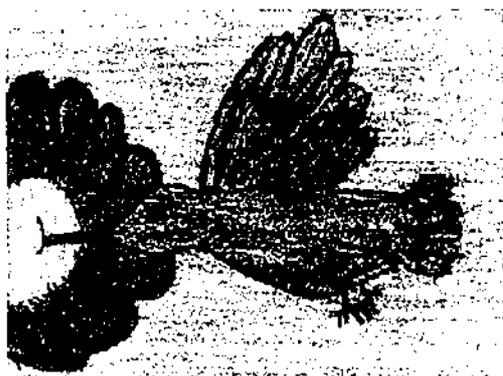
O meu interesse em estudar a inclusão escolar surgiu após cursar a disciplina “*Tópicos Especiais da Educação do Deficiente Mental*”. Este curso ampliou meu olhar sobre a Educação Especial, derrubando os pré-conceitos e , o mais importante, transformando esse meu olhar não apenas sobre a Educação Especial, mas sobre a educação como um todo.

Este tema, tão discutido atualmente e amparado por lei, nem sempre é visto “com bons olhos” por aqueles que fazem educação escolar, especialmente no Ensino Fundamental.

Fica, então a questão: como incluir numa sociedade que se caracteriza por ser excludente? Em uma escola que categoriza, divide, segrega.

A inclusão vai muito além da aceitação de crianças com necessidades pedagógicas especiais na sala de aula das escolas comuns e vem para desconstruir paradigmas, conceitos e pré-conceitos que sustentam nossas “certezas” sobre educação escolar, modelo vigente.

Considerando a urgência de se reformular a escola, ampliando o olhar sobre educação a partir do estudo de práticas baseadas na Pedagogia Freinet, este trabalho busca mostrar que é possível fazer uma educação de qualidade que atenda a todos os alunos, sem exceções, mostrando o cotidiano de uma escola realmente inclusiva: a Escola Cooperativa Curumim, localizada na cidade de Campinas/SP, que tem Célestin Freinet, educador francês, como norteador de suas ações educacionais.



Juan Medeiros, 10 anos – 4a. série

Neste estudo nos limitamos a verificar a inclusão de crianças com deficiências nas séries iniciais do Ensino Fundamental, mas faz-se necessário destacar que a inclusão nesta escola acontece em todos os setores, já que, guiada por Freinet, a escola adota o ideal de oferecer uma educação de qualidade a todos.

A utilização das “técnicas” de Freinet possibilita a construção de um ambiente de respeito ao ritmo de cada aluno e as diferenças, criando condições favoráveis para o desenvolvimento dos talentos individuais.

Freinet não se referiu à inclusão, mas suas práticas e seu olhar sobre a criança mostraram sempre sua preocupação com as diferenças e necessidades de cada aluno.

Este educador sempre questionou os modelos tradicionais de educação, pois acreditava que a educação só tem sentido se estiver relacionada com a vida da criança.

Ele rompeu com o modelo excludente de educação e, propôs uma educação onde coubessem todos, assim como defendemos, hoje, uma política educacional realmente inclusiva.

A inclusão escolar, a partir das concepções freinetianas, tem como base o trabalho, a cooperação, a autonomia e a livre expressão.

## Capítulo I - Sobre Célestin Freinet

Em 15 de outubro de 1896, na cidade da Gars, sul da França, nasceu Célestin Baptistin Freinet.

Filho de camponeses, sempre participou das atividades no campo. A vivência com os camponeses o marcaram e o ensinaram muito mais do que a escola, Freinet resolve dedicar sua vida à educação, criando uma pedagogia baseada na autonomia, liberdade e afeto.

Suas raízes rurais o levaram a lutar sempre pelas classes menos favorecidas, buscando implementar na França uma educação popular.

Aos treze anos, formou-se na escola primária e foi admitido em um curso primário superior. Aos dezesseis anos, em 1912, ingressou na Escola Normal Masculina de Nice/França, mas não chegou a concluir o curso normal, pois teve seus estudos interrompidos para lutar durante a 1ª Guerra Mundial.

Segundo Oliveira (1995):

*Sem dúvida, essa experiência de uma guerra extremamente cruel e mortífera foi determinante para a busca de novas formas de ensinar. Como muitos ex-combatentes, jovens pertencentes a uma geração sacrificada, voltou profundamente imbuído de princípios pacifistas e também com o desejo de questionar radicalmente um sistema econômico cujos interesses construíram a verdadeira raiz do conflito. Este ideário constituiu, em dúvida, o substrato de sua proposta pedagógica.(p.47)*

Engajado nas questões políticas e sociais, Freinet nunca concebeu o ensino como um sacerdócio, mas como uma militância, tendo sempre a consciência do papel da escola na reprodução social.

Assumiu seu primeiro posto como professor-adjunto em 1920, em um vilarejo de Bar-sur-Loup/ França.

A primeira turma escolar de Freinet era multiseriada, experiência muito enriquecedora para o jovem educador que sempre defendeu a importância da diversidade na sala de aula.

Célestin Freinet não teve nenhuma formação acadêmica, mas uma experiência real extremamente importante em educação escolar.

Lecionando em Bar-sur-Loup, deparou-se com salas escuras, de janelas altas que impediam a visão da área externa da escola pelas crianças. Os alunos sentiam-se presos, ficavam nervosos e agitados, o que culminava na indisciplina.

Através de seu sensível contato com suas crianças, Freinet começou as descobertas essencialmente práticas, registrando suas falas, comportamentos e potencialidades.

Envolveu-se também em um trabalho com os aldeões, formando uma Cooperativa de Trabalho.

Entusiasmado com seu trabalho e com a vida das crianças, Célestin Freinet resolveu corresponder-se com um amigo, também professor, que lecionava no Norte da França, contando suas experiências, enviando-lhe textos livres produzidos pelas crianças, trocando cartas, bilhetes, desenhos, fotografias.

Assim, as crianças do Sul contavam sua vida na aldeia, o cotidiano das montanhas e deliciavam-se com as notícias vindas do Norte, a vida no mar, a pescaria, enfim, a realidade vivida pelas crianças correspondentes da outra aldeia, que ficava próxima ao litoral.

Na escola de Bar-sur-Loup, o entusiasmo das crianças e a autenticidade do trabalho iam crescendo. Este trabalho, desenvolvido por Freinet e seus alunos passou a ser conhecido por todos, sendo divulgado principalmente nos artigos que Freinet escrevia para as revistas de a educação.

Muitos educadores tomaram conhecimento do trabalho de Célestin Freinet e decidiram aplicar as práticas freinetianas em suas salas de aula. Adolphe Ferrière, grande mestre do Movimento da Escola Nova, também rendeu-se às sábias idéias de Freinet e tornou-se adepto à correspondência interescolar.

Freinet não admitia a idéia de que cabe ao educador apenas transmitir conhecimentos; ele estudou só, buscando entender as necessidades individuais de seus alunos, pesquisando, debatendo, escrevendo artigos, sempre buscando práticas pedagógicas alternativas.

Em 1926, Freinet conheceu Elise, uma artista plástica que foi trabalhar na escola, como colaboradora.

Eles se casaram e, paralelamente ele editou seu primeiro livro, criou a revista *La Gerbe*, de poemas infantis, textos e desenhos produzidos pelas crianças, e fundou, logo em seguida, a Cooperativa de Ensino Laico (CEL), para sustentar as despesas de publicação da revista e boletins.

Após participar do Primeiro Congresso da Imprensa na Escola em 1927, na cidade de Tours/ França, Freinet apresentou um filme sobre a prática pedagógica e a relação entre educador e educando existente em sua escola, em Bar-sur-Loup.

A partir desta experiência, surgiu a Cinemateca Cooperativa que dispõe de filmes para demonstrar ainda hoje, como se trabalha nas classes freinetianas, com recursos de informática e outras tecnologias.

A intensa correspondência decorrente das atividades realizadas na Escola e na Cooperativa acabou gerando desconfiança e hostilidade. Freinet foi então exonerado do cargo de professor, mas continuou seu trabalho na Cooperativa.

Começa a segunda Guerra Mundial. Freinet foi preso no campo de concentração de Var/ França. Mesmo debilitado e fraco, Freinet insistiu em dar continuidade à sua missão educacional, passando a lecionar para seus companheiros de prisão.

Enquanto isso, Elise lutava para que seu marido fosse libertado.

Após ser libertado, Freinet se integrou ao Movimento da Resistência Francesa e escreveu dois livros: “Ensaio de Psicologia Sensível” e “Educação pelo Trabalho”.

Com o término da guerra, Freinet e Elise retornaram a Vence e encontraram a Cooperativa (CEL) destruída.

Com o auxílio de pais de alunos, colaboradores e amigos, o casal conseguiu reerguer a CEL e criaram o Instituto Cooperativo da Escola Moderna, o ICEM. Este Instituto tinha como objetivo investir em pesquisas, assegurando o aperfeiçoamento da Cooperativa e para cuidar das edições da mesma.

Nos anos 50, mesmo diante tantas barreiras, a Pedagogia Freinet ganhou força e espalhou-se pelo mundo.

É neste momento que Freinet se diferenciou dos demais integrantes do movimento da Escola Nova; ele era audacioso e criou um movimento em prol de uma escola para o povo.

Em 1956, na cidade de Aix, na Provença/ França, realizou-se um congresso, cuja preocupação foi discutir o excessivo número de crianças nas salas de aula. Assim, foi lançada em toda a França a campanha nacional por 25 alunos em cada sala de aula, que contou com o apoio das associações de pais e sindicatos dos professores.

Ainda em 1965, Freinet tentou criar um Instituto de Formação, dando uma nova dimensão para sua escola, mas a escassez de recursos financeiros e de tempo o impediram de realizar este sonho.

Em 8 de outubro de 1966, morreu Célestin Freinet, dentro de sua escola, em Vence.

Mesmo abalada com a perda do esposo, Elise deu continuidade à obra de Freinet. Escreveu e trabalhou em sua escola e, em 1983, faleceu, deixando à sua filha, Madaleine, a missão de continuar o trabalho idealizado pelo pai.

Em 1991, a Escola Freinet de Vence tornou-se pública.

A história de vida de Freinet nos toca pelo seu engajamento com as questões do povo, pela preocupação com a identidade, com as vivências das crianças, enfim pela proximidade com todos aqueles que lutam por um ideal, independentemente das amarguras e incompreensões que possam aparecer no caminho, até o reconhecimento de suas idéias.

### **O nascimento de uma pedagogia para o povo**

Os principais traços da proposta pedagógica de Freinet foram esboçados em um contexto histórico extremamente conturbado, numa França caótica, durante a Resistência Francesa, um período complexo da segunda Guerra Mundial.

Ansiava-se pela construção de uma nova ordem mundial, em meio aos destroços da sociedade ocidental. Por isso a urgência em reformar a escola, uma nova escola para formar novos homens, esse era o ideal!

Freinet acreditava, acima de tudo, que tanto as crianças como os adultos devem ter seus direitos garantidos e seu trabalho era muito voltado a esse ideário, o que mostra seu profundo respeito pela humanidade como um todo.

Uma das virtudes da pedagogia Freinet é permitir que o proletariado se emancipe, que tenha consciência de suas possibilidades sociais e políticas e que os educandos tomem consciência da precariedade dos bens materiais.

O que se ensina na escola, na maioria das vezes, é estranho à vida nas comunidades, não faz sentido, não estabelece qualquer vínculo com a vida das crianças, que são obrigadas desde cedo a trabalharem no campo, cuidarem dos animais e da agricultura; suas necessidades não são contempladas pelo ensino escolar.

Freinet (1978/1) referia que sua experiência escolar fora assim, sem nenhuma relação com suas reais necessidades, como ele bem define:

*A escola não me marcou nem para o bem nem para o mal. Já que decerto ela não podia marcar-me para o bem, alegro-me que não me tenha marcado para o mal, que tenha sido neutra, que tenha passado como algo anônimo por meus dias de criança, como água que escorre sobre a argila ressecada. (p.8)*

A decepção de Freinet com sua própria experiência escolar, enquanto educando, o levou a trabalhar por uma educação mais significativa para as crianças das aldeias, por uma educação que libertasse as pessoas da ignorância a que eram submetidas, na época.

Freinet jamais separou seu trabalho como professor de sua atividade militante, como já citado neste trabalho. Ele acreditava que sua atividade pedagógica era em si uma militância.

Para ele, a educação é um projeto político, no sentido mais profundo do termo, o do lugar do homem na *polis*, onde o educador encontra forças para lutar contra a ignorância, que Freinet conheceu na luta contra a miséria no cotidiano de sua classe social.

Aderiu ao movimento comunista por acreditar que este partido político fosse o mais habilitado para se lutar pela emancipação dos trabalhadores.

Foi nesta lógica que Freinet procurou estabelecer e interpretar a dialética instaurada entre o comportamento psicológico das crianças e o meio social em que elas vivem.

A pedagogia defendida por Freinet é permeada por três importantes idéias: a educação pelo trabalho, a preocupação em desenvolver ao máximo as possibilidades

individuais das crianças e a noção de coletividade , ou seja, mostrar para a criança que ela pertence a um grupo e que suas ações movimentam esse grupo.

O trabalho deste educador buscava caminhos nos quais *todos* pudessem se expressar, satisfazendo seus anseios, vencendo obstáculos utilizando como ferramenta o conhecimento.

### **A Pedagogia Freinet**

Na pedagogia Freinet, o educando é protagonista de sua própria aprendizagem.

Freinet sempre teve o cuidado de trabalhar junto ao educando, para que ele alcançasse o êxito e também fosse construindo sua personalidade, sua liberdade de escolha frente à realidade estampada em seus olhos.

No trabalho com a pedagogia Freinet não existe a palavra fracasso, pois essa pedagogia abre caminhos para a realidade vivida pelos educadores e educandos.

A proposta de Freinet é de uma pedagogia homogênea em seu dinamismo e simplicidade, que se volte aos interesses das crianças, oferecendo-lhes caminhos a serem trilhados, as vezes imprevisíveis, fornecendo-lhes meios para a formação ao longo do desenvolvimento de suas personalidades, considerando sempre as vivências cotidianas dessas crianças.

Seu trabalho não se resume a modelos pré-determinados. Pelo contrário, Freinet sempre abriu-se a novas propostas, desde que essas pudessem contribuir com a ação pedagógica do educador, que tem como fim formar pessoas livres para construírem sua própria personalidade e cultura, de forma cooperativa.

Freinet sempre esteve muito atento e preocupado com as necessidades das crianças, observando seus alunos de Bar-sur-Loup. O educador notou o desinteresse das crianças pelos conteúdos trabalhados em sala de aula e percebeu que este interesse estava do lado de fora, ultrapassando as paredes da sala de aula.

Para Sampaio (1989):

*[...] o interesse das crianças estava nos bichinhos que subiam pelo muro, nas pedrinhas redondas do rio, pois percebia que, nos momentos de leitura dos livros de classe o desinteresse era total.*

*Nessas ocasiões, os olhares dos meninos atravessavam as janelas da e acompanhavam o vôo dos pássaros ou das abelhas zumbindo e batendo nos vidros das janelas empoeiradas.*

*(p.15)*

Freinet percebeu a distância existente entre o ambiente da sala de aula e o mundo fora dela. A vida não fluía dentro da sala com os tradicionais métodos repetitivos, sem significado da época.

Sua preocupação era criar uma pedagogia longe da doutrinação e buscou nos educadores da Escola Nova subsídios para transformar a prática escolar e trazer a vida para dentro da escola.

Um dia, este educador resolveu levar seus alunos para um passeio ao redor da sua escola. Durante esse passeio, encantou-se com o entusiasmo das crianças, olhares atentos, curiosos...Assim surgiu a **aula-passeio**.

De volta à sala de aula, Freinet registrou no quadro todas as impressões ditas pelas crianças sobre a aula-passeio. Surgiu depois o **texto livre**, instrumento desta pedagogia que é fundamental para a valorização da livre expressão da criança.

O texto livre era lido com muito empenho pelas crianças, que encontravam um significado para sua escrita. Este texto passou a ser impresso pelos alunos, originando o **jornal escolar**, que estabelecia uma ponte entre a livre expressão e a necessidade real de comunicação.

Aos poucos, o jornal escolar foi crescendo e passou a circular por outras escolas nas quais os professores se interessavam pelas “idéias inovadoras” de Freinet. Surgiu então, a **correspondência** inter-escolar. Cabe aqui lembrar que Freinet sofreu inúmeras críticas e chegou até a ser perseguido por essas “idéias inovadoras” (para muitos, perturbadora).

Como já citado, o professor Freinet sempre se mostrou muito envolvido com as questões políticas e sociais: foi um dos fundadores do Partido Comunista Francês e também, no campo educacional, precursor do movimento da Escola Nova.

Célestín Freinet sempre lutou por uma educação popular, capaz de atender à todos os educandos, oferecendo-lhes um ensino de qualidade.

Buscava uma escola que atendesse às classes populares, objetivando construir uma escola para o povo, acreditava que, através da educação, seria capaz de transformar a sociedade.

O fio condutor de sua pedagogia sempre foi o **trabalho** - trabalho construtivo e prazeroso. Ao contrário do trabalho que aliena, que reproduz, Freinet acreditava no trabalho que constrói, que produz conhecimento. Valorizou a função individual do trabalho dentro do grupo, acreditando que o trabalho assim desenvolvido torna-se mais interessante do que todos exercerem, simultaneamente, a mesma função.

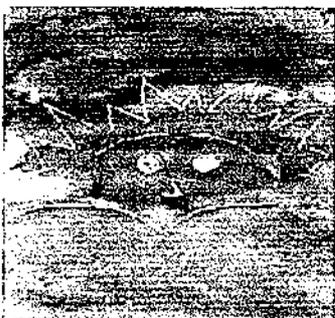
Para Freinet, a educação é, pois, trabalho, diferentemente de uma educação para o trabalho (profissionalizante); ele defende a educação do trabalho, na perspectiva de que o trabalho permite ao homem transformar a natureza e se transformar, ao mesmo tempo.

Freinet acreditava que o trabalho é uma necessidade natural do ser humano, a base fundamental para o **tatear experimental**, definindo este tateamento experimental como educação baseada na experiência e na vida, pois apenas através da experiência se constrói conhecimento. Tateia-se, pesquisa-se em direção a um objeto que nos serve à vida.

Segundo suas próprias palavras *“A vida se prepara pela vida”* (1949).

Na concepção de Freinet, o ensino deve ter raízes no meio em que vivemos, não deve ser pré-determinado, mas interessante, portanto, partir da experiência viva do educando. Freinet defendia que as crianças têm inserção histórica, assim como os adultos, e são marcadas pelo meio social em que vivem.

A **livre expressão** da criança ganhou um grande destaque nos estudos de Freinet. Ele acreditava que esta livre expressão é a própria manifestação da vida, superando a mera prática escolar dos programas tradicionais de aquisição do saber e afirmando que educação se faz no processo de criação da criança.



Deborah S. Conde, 10 anos – 4ª. série

Para Elise Freinet (1979), a livre expressão era a prova de que a criança é “artesã de sua própria cultura”.

Na Pedagogia Freinet, o foco educacional deixa de ser o adulto e a criança passa a ser encarada como agente, na construção de seu conhecimento.

Freinet defendia que as atividades realmente prazerosas são aquelas que despertam na criança sua capacidade criadora, satisfazendo sua sede de conhecimento.

Nesta concepção de educação, cabe ao professor detectar a direção pela qual se orienta a vida da criança, ajudando-a ao máximo na realização manual, artística e psíquica de suas potencialidades.

O professor assume o papel de facilitador da aprendizagem, a criança só recorre a ele em casos de dificuldades. Freinet valorizou a atividade natural da criança e o professor não impõe, mas guia, encoraja os alunos a aprender.

A pedagogia Freinet valoriza o diálogo entre educador e educando. O professor deve misturar-se com os alunos, cultivando todo o potencial da inteligência dos indivíduos: artístico, político, social, aptidões manuais, o bom senso.

Sua maior crítica à escola tradicional deve-se ao fato de que nela a criança sempre deve contentar-se com o que lhe é oferecido, nunca questiona, critica. Esta escola, para ele, não formava cidadãos.

A pedagogia freinetiana critica a escola que se intitula “santuário do saber”, onde o professor e o seu saber são inquestionáveis, punindo os alunos que fogem às suas regras.

Freinet sempre apostou no êxito escolar, pois enxergava o fracasso como inibidor no processo de construção do conhecimento.

Ele tinha a “convicção de que nem todas as crianças cumprem as mesmas etapas do desenvolvimento nas mesmas idades, com o mesmo ritmo, mas nem por isso devem ser rotuladas de “atrasadas”, podendo sempre recuperar o tempo “perdido” num prazo, às vezes, bastante rápido” (Oliveira, p.119, 1995)

Acreditando na diversidade humana, defendendo os interesses individuais, Freinet, repito, mostrava uma preocupação com a identidade do educando.

Ele acreditava na troca de experiências entre os educandos de diferentes idades, concebendo assim, as *diferenças* como algo positivo, que nos faz crescer, quando são reconhecidas e valorizadas por todos.

### **As Invariantes Pedagógicas de Freinet:**

Por acreditar na força de transformação que está embutida na educação e temendo que seus instrumentos se tornassem apenas métodos de ensino, Freinet propôs as **Invariantes Pedagógicas.**

Essas invariantes pedagógicas são princípios, atitudes que o professor deve tomar para nortear seu trabalho, enquanto educador. Como o próprio nome diz, as invariantes não mudam, ou seja, ocorrem sempre, independentemente das circunstâncias. A criança é criança tanto aqui como na Europa!

As invariantes são testes que o professor faz ao seu trabalho para verificar sua qualidade pedagógica e servem como um parâmetro para o professor que, por meio delas, tem a possibilidade de autoavaliar sua prática a todo momento.

Nas palavras de Sampaio (1989)

*[...] Freinet percebeu que somente a transmissão de conselhos técnicos corria o risco de ser insuficiente, se estes não fossem acompanhados de instruções mais exatas [...]. Ele queria, assim, estabelecer uma nova gama de valores escolares, numa busca da verdade, que deveria ser feita à luz da experiência e do bom-senso. Para cada invariante ( princípio que não varia seja qual for o povo que o aplica) Freinet apresentou um teste para ser respondido pelo professor [...]*

*A semelhança do código de trânsito, Freinet fez com as cores verde, vermelha e amarela um código pedagógico que permite ao professor construir gráficos para uma melhor compreensão de sua atuação como educador. (p. 80)*

As invariantes foram organizadas por Freinet (1964) em três grupos: A natureza da criança; As reações da criança e As técnicas educativas.

Sobre *A natureza da criança*, Freinet escreveu:

**Invariante no. 1:** a criança e o adulto tem a mesma natureza

*"A criança é como uma árvore que ainda não tendo terminado seu crescimento, se nutre, cresce e se defende exatamente como a árvore adulta". (p.387)*

**Sinal verde:** Você tem se esforçado para aceitar esta invariante.

**Sinal amarelo:** Você reconhece esta invariante, mas fica hesitante em colocá-la em prática.

**Sinal vermelho:** no seu comportamento, você considera e age como se a criança tivesse natureza diferente da sua.

**Invariante no. 2:** ser maior não significa necessariamente estar acima dos outros.

*Suprima o pedestal, de repente você estará ao nível das crianças. Você as verá não com os olhos de pedagogos e chefes, mas com os olhos de homens e crianças, e com este ato você reduzirá seguidamente a perigosa separação entre aluno e professor que existe na escola tradicional. ( p. 387)*

**Sinal verde:** Você se coloca numa carteira igual à dos alunos e age no meio deles, assumindo todas as conseqüências pedagógicas que esse gesto pode causar.

**Sinal amarelo:** Você suprime a disposição tradicional da classe que o destaca perante os alunos.

**Sinal vermelho:** Você deixa as carteiras dos alunos e a sua mesa nas posições tradicionais.

**Invariante no. 3:** O comportamento escolar de uma criança depende de seu estado fisiológico e orgânico, de toda sua constituição.

*“Em face às deficiências de comportamento que possa observar, consulte as crianças para saber se não existirão motivos de saúde, de equilíbrio, de dificuldades ambientais que seria necessário examinar em primeiro lugar.” (p. 389)*

**Sinal verde:** Você tem conseguido descobrir razões sociais ou psicológicas para o comportamento perturbado de algumas crianças.

**Sinal amarelo:** Você se interessa, mas não tem conseguido descobrir essas razões.

**Sinal vermelho:** Você não leva em conta as dificuldades individuais de seus alunos.

Quanto às *reações das crianças*, Freinet afirmou:

**Invariante no. 4:** A criança e o adulto não gostam de imposições autoritárias.

*“É que pretende a nossa pedagogia, passando ao máximo a palavra à criança, proporcionando-lhe, individual e cooperativamente, uma iniciativa máxima no âmbito da comunidade, esforçando-se mais em prepará-la que em dirigi-la.” (p. 391)*

**Sinal verde:** Você estabelece em sala de aula uma pedagogia sem imposições autoritárias.

**Sinal amarelo:** Você procura uma solução intermediária, com alguma autoridade, mas com uma tentativa de liberação.

**Sinal vermelho:** Você mantém uma postura autoritária.

**Invariante no. 5:** A criança e o adulto não gostam de uma disciplina rígida, quando isso significa obedecer passivamente a uma ordem externa.

*“Existe uma certa disciplina necessária para a convivência dos grupos mais ou menos bem organizados. As crianças compreendem-na, aceitam-na, praticam-na, organizam-na; elas próprias sentem essa necessidade. É esta disciplina que devemos procurar”.* (p. 392)

**Sinal verde:** Você suprime a autoridade que exige silêncio absoluto, atitudes rígidas, braços cruzados, substituindo isso por uma autodisciplina do trabalho.

**Sinal amarelo:** Você faz tentativas de disciplinar seus alunos, usando para isso um mínimo de ordens exteriores.

**Sinal vermelho:** Através de atitudes rígidas, você mantém sua autoridade.

**Invariante no.6:** Toda atividade coerciva é paralisante. Ninguém gosta de agir por coerção.

*“A criança conformar-se-á seguidamente a se disciplinar. Há aqueles que não aceitam esta autoridade brutal, esses serão os insubmissos, os agitadores, os inadaptados, com todas as complicações individuais que isso implica”.* (p. 393)

**Sinal verde:** Você se abstém de qualquer ordem estreitamente autoritária. Você encontra outras formas que conduzem a um trabalho voluntário.

**Sinal amarelo:** Você reduz paulatinamente as ordens e atitudes autoritárias, suprimindo a disciplina rígida.

**Sinal vermelho:** Mesmo atenuando sua autoridade, você mantém sua atitude habitual de disciplina e trabalhos obrigatórios.

**Invariante no.7:** Todos gostam de escolher seu próprio trabalho, mesmo que a escolha não seja a mais vantajosa .

*“Dai às crianças a liberdade de escolher o seu próprio trabalho, de decidir o momento e o ritmo desse trabalho e tudo mudará”.* (p.394)

**Sinal verde:** Você organiza e estabelece várias técnicas para que a criança possa escolher seu próprio trabalho.

**Sinal amarelo:** Você experimenta deixar que o aluno decida o trabalho a fazer, pelo menos nas atividades principais.

**Sinal vermelho:** Você não consulta a criança e decide quais os trabalhos que devem ser realizados.

**Invariante no.8:** Ninguém gosta de trabalhar sem objetivos, se sujeitando à rotina.

*“Se uma criança pedala uma bicicleta que está assentada num suporte, depressa se cansará; e, no entanto, iria até o fim do mundo se a bicicleta deslizasse suavemente”.*  
(p.395)

**Sinal verde:** Você considera válida qualquer atividade escolar que encontre sua razão de ser no comportamento do indivíduo e em seu próprio meio.

**Sinal amarelo:** você utiliza artifícios para desenvolver atividades que dão a ilusão de liberdade e motivação.

**Sinal vermelho:** Você impõe trabalhos e deveres escolásticos.

**Invariante no.9 :** É fundamental a motivação para o trabalho.

*“Não procure a novidade: a mecânica mais aperfeiçoada satura se não serve as necessidades profundas do indivíduo. No conjunto sempre crescente das atividades que lhe são oferecidas escolha primeiramente as que iluminam a sua vida, as que dão sede de crescimento e de conhecimentos, as que fazem brilhar o sol”.* (p. 396)

**Sinal verde:** Você promove atividades motivadoras que levam os alunos a se entregarem totalmente a um trabalho.

**Sinal amarelo:** Através de atividades mistas, você procura dar ao trabalho um novo espírito.

**Sinal vermelho:** Você só apresenta trabalhos dentro da rotina tradicional.

**Invariante no.10:** É preciso abolir a escolástica.

*“A escolástica é uma regra de trabalho e de vida própria da escola e que não é válida fora desta, sendo incapaz de proporcionar a preparação necessária para enfrentar as diversas circunstâncias da vida.*

*Propomos um meio simples para detectar a escolástica:*

*Se você quer saber em que medida uma forma de trabalho é escolástica e se, portanto lhe deve ser aplicado um sinal amarelo ou vermelho, faça as seguintes perguntas:*

- *Se me obrigassem a fazer este trabalho, eu o faria de bom grado eficientemente?*
- *Se estivesse no lugar do aluno, eu trabalharia com mais entusiasmo e aplicação?*
- *Se eu deixasse as portas da sala abertas, com liberdade total para saírem quando desejassem, as crianças continuariam no seu trabalho ou se evadiriam para outras atividades?”( p.396)*

**Sinal verde:** Você proporciona trabalhos que, juntamente com os alunos, realiza até mesmo no recreio, fora dos horários regulares, com interesse e sem perceber o tempo passar.

**Sinal amarelo:** Conscientemente, você propõe trabalhos típicos da Escola Moderna, mas ainda influenciados pela escolástica devido às condições da escola e do próprio meio.

**Sinal vermelho:** Você aplica trabalhos escolásticos tradicionais.

**Invariante no.10 (a):** Todos querem ser bem sucedidos. O fracasso inibe, destrói o ânimo e o entusiasmo.

*“Faça sempre com que as suas crianças alcancem o êxito. O tom do ensino será de súbito notavelmente reabilitado.*

*No entanto, dirão os pais e educadores, não se pode dar uma boa nota a um trabalho insuficiente ou felicitar um aluno que não cuida bem dos cadernos.*

*É verdade, mas podemos praticar uma pedagogia que permita às crianças serem bem-sucedidas, apresentaram trabalhos feitos com amor...”(p.397)*

**Sinal verde:** Você pratica a ‘pedagogia do êxito’.

**Sinal amarelo:** Você se esforça para evitar o fracasso.

**Sinal vermelho:** Você é partidário da ‘pedagogia do fracasso’.

**Invariante no.10 (b):** Não é o jogo que é natural da criança, natural é o trabalho.

*“Vamos contra a corrente da Psicologia e da Pedagogia contemporânea afirmando esta invariante da primazia do trabalho.*

*O erro começa no jardim-de-infância que, sob este ponto de vista, contaminou as famílias: basta olhar nos catálogos das grandes editoras para nos convenceremos: não apresentam nenhum instrumento de trabalho, mas uma infinidade de jogos.*

*Do mesmo modo, adotou-se nas famílias o costume de não fazer as crianças trabalharem.*

*Elas são uns reizinhos a quem somente se oferecem jogos.*

*Nos outros graus de ensino, por força das circunstâncias, a pedagogia recorre geralmente menos aos jogos, mas sem que contudo aceite o princípio do trabalho”. (p.398)*

**Sinal verde:** Você realiza uma escola pelo trabalho.

**Sinal amarelo:** Você opta por um misto de deveres e de trabalho.

**Sinal vermelho:** Você não promove uma efetiva participação no trabalho.

Sobre as *Técnicas educativas* o mestre Freinet defendia que:

**Invariante no.11:** Não são a observação, a explicação e a demonstração (processos essenciais da escola) as únicas vias normais de aquisição de conhecimento, mas a experiência tateante, que é uma conduta natural e universal.

*“A escola tradicional atua exclusivamente por meio de explicações. As experiências quando são feitas, intervêm apenas como complemento de demonstração”. (p. 399)*

**Sinal verde:** Você defende uma educação baseada na experiência e na vida. Você favorece a experiência tateante.

**Sinal amarelo:** Mesmo recorrendo à explicação em alguns conteúdos, você é pela introdução cada vez mais prática da experimentação em sala de aula.

**Sinal vermelho:** Você ainda não modificou o método habitual de aprendizagem escolástica.

**Invariante no.12:** A memória, tão preconizada pela escola, não é válida, nem preciosa, a não ser quando está integrada no tateamento experimental, onde se encontra verdadeiramente a serviço da vida.

*“Infelizmente, todo o ensino escolástico se baseia na memória, e os exames avaliam exclusivamente as aquisições à base da memória”. (p. 399)*

**Sinal verde:** Você proporciona um ensino vivo no qual a memória desempenha apenas o papel de auxiliante técnico.

**Sinal amarelo:** Você opta por um ensino onde a memória tem demasiada importância, mas onde se inicia uma cultura em profundidade.

**Sinal vermelho:** Você ainda é por uma educação e uma motivação baseada na memória

**Invariante no. 13:** As aquisições não são obtidas pelo estudo de regras e leis, mas pela experiência.

*“As regras e as leis são fruto da experiência, de outro modo, não passam de fórmulas sem valor”.* (p. 400)

**Sinal verde:** Você desenvolve um trabalho vivamente experimental.

**Sinal amarelo:** Você faz uso de experiências, acompanhadas de um estudo simultâneo de certas regras, na esperança vã de que o ensino sairá beneficiado.

**Sinal vermelho:** Você opta por um ensino clássico à base de regras e princípios aprendidos de cor.

**Invariante no.14:** A inteligência não é uma faculdade específica, que funciona como um circuito fechado, independentemente dos demais elementos vitais do indivíduo, como ensina a escolástica.

*“[...] a inteligência não existe por si só: é como que a emanção complexa das possibilidades mais eminentes do indivíduo.*

*Se a inteligência não existe por si, também não existe um método especial para cultivar essa inteligência. Ela é, tal como a saúde, uma síntese de elementos intimamente ligados, sobre os quais teremos que atuar favoravelmente”.* (p. 400)

**Sinal verde:** Através de processos intensivos de tateamento experimental, você desenvolve um trabalho como preconiza a Pedagogia Freinet.

**Sinal amarelo:** Mesmo dentro dos padrões da velha pedagogia intelectualista, você intensifica progressivamente o tateamento experimental.

**Sinal vermelho:** Você ainda é pela concepção clássica da inteligência que se ampara na escolástica.

**Invariante no.15:** A escola cultiva apenas uma forma abstrata de inteligência, que atua fora da realidade viva, fixada na memória por meio de palavras e idéias.

*“Existem outras formas de inteligência, variáveis segundo as incidências do tateamento experimental que lhes serviu de base:*

- *a inteligência que vem das aptidões manuais, com as quais opera sobre o meio para o dominar e o transformar;*
- *a inteligência artística;*
- *a inteligência sensível, que desenvolve o bom-senso;*
- *a inteligência especulativa, que constitui o gênio dos investigadores científicos e dos grandes comerciantes industriais;*
- *a inteligência política e social, que forma os homens de ação e os condutores de massas.” (p.401)*

**Sinal verde:** Por meio de técnicas adequadas, você cultiva ao máximo todo o potencial de inteligência dos indivíduos.

**Sinal amarelo:** Você cultiva essas possibilidades complementares apenas acidentalmente.

**Sinal vermelho:** Você se contenta ainda com o cultivo da inteligência escolar.

**Invariante no.16:** A criança não gosta de receber lições “ex-cathedra”.

*“Se você explica uma lição valendo-se de sua autoridade, ninguém o ouve. Mas organize o trabalho de tal modo que a própria criança atue, experimente, leia, selecione e classifique documentos; então ela fará perguntas a respeito de fatos que tenham mais ou menos intrigado. Responda às suas perguntas: isso é o que chamamos lição a posteriori”.* (p. 402)

**Sinal verde:** você inicia todos os trabalhos pela experiência e pela informação.

**Sinal amarelo:** Você faz o possível para que a lição se torne interessante, embora não deixe de ser lição.

**Sinal vermelho:** Você não ultrapassou ainda o estágio da lição ex-cathedra.

**Invariante no.17:** A criança não se cansa de um trabalho funcional, ou seja, que atende aos rumos da vida.

*“O que cansa as crianças, como os adultos, é o esforço contrário à natureza, que se realiza sob o peso de uma imposição”.* (p.403)

**Sinal verde:** Com você, a criança pode trabalhar várias horas sem se cansar.

**Sinal amarelo:** Com você, a criança se cansa algumas vezes, o que a leva a uma necessária descontração e repouso.

**Sinal vermelho:** Com sua forma de trabalhar, é imperativo haver recreio.

**Invariante no.18:** A criança e o adulto não gostam de serem controlados e receber sanções. Isso caracteriza uma ofensa à dignidade humana, sobretudo se exercida publicamente.

*“A posição de inferioridade e a sensação de se encontrar sempre em falta é fundamentalmente degradante. Constitui certamente uma das principais causas dos fracassos escolares e da aversão que a criança bem cedo nutre pelas coisas da escola”* (p.403)

**Sinal verde:** Você suprimiu as correções com tinta vermelha e adotou uma atitude de auxílio para com as crianças.

**Sinal amarelo:** Você está caminhando para esta conquista.

**Sinal vermelho:** Você permanece fiel aos velhos princípios de correções e sanções.

**Invariante no.19 :** As notas e classificações constituem sempre um erro.

*“Professores e pais, no entanto, apóiam essa prática porque nas atuais condições da escola, com as crianças que não tem desejo de trabalhar, as notas e classificações são ainda o meio mais eficaz de sancionar e estimular. Se bem que este meio tenha uma contrapartida sumamente perigosa: como se trata de dar notas com o mínimo de erro , recorre-se , em Pedagogia, a tudo o que é mensurável. Um exercício, um cálculo, um problema, a repetição de um curso, tudo isso pode supor, efetivamente uma nota aceitável. Mas a compreensão, as funções da inteligência, a criação, a invenção, o sentido artístico, científico, histórico, não se podem mensurar. Ficam então reduzidos ao mínimo, na escola e são abolidos da competição.”* (p. 404)

**Sinal verde:** Você aboliu as notas e classificações, implementando novas formas de trabalho.

**Sinal amarelo:** Você substituí prudentemente as notas e classificações por outras designações.

**Sinal vermelho:** Você permanece fiel à antiga tradição.

**Invariante no.20:** Fale o menos possível.

*“Quanto menos falar, mais coisas você fará”.* (p.405)

**Sinal verde:** Você está organizado para trabalhar e abrir-se para ouvir mais os seus alunos.

**Sinal amarelo:** Você se esforça para falar menos, mas não realizou ainda a necessária evolução pedagógica.

**Sinal vermelho:** De preferência, você se contenta com as virtudes da linguagem explicativa.

**Invariante no.21:** A criança não gosta de sujeitar-se a um trabalho em rebanho. Ela prefere o trabalho individual ou de equipe em uma comunidade cooperativa.

*“É a condenação definitiva das práticas escolásticas, em que todas as crianças fazem, ao mesmo tempo, as mesmas coisas”.* (p.406)

**Sinal verde:** Você organiza a prática do trabalho individual dentro de uma equipe ou comunidade.

**Sinal amarelo:** Você experimenta o trabalho em equipe.

**Sinal vermelho:** Você persiste na organização tradicional do trabalho.

**Invariante no.22:** A ordem e a disciplina são necessárias em sala de aula.

*“Pratique as técnicas modernas pelo trabalho vivo, que as crianças se disciplinarão por si próprias, porque querem trabalhar e progredir segundo as regras adequadas. Você terá então em suas aulas uma ordem verdadeira”* (p.407)

**Sinal verde:** Por meio de técnicas complexas de trabalho você atinge uma ordem viva.

**Sinal amarelo:** Na procura da ordem necessária, o seu trabalho não está ainda suficientemente organizado.

**Sinal vermelho:** Para você, as crianças necessitam ainda da ordem imposta do exterior.

**Invariante no.23:** Os castigos são sempre um erro. São humilhantes, não conduzem ao fim desejado e não passam de um paliativo.

*“Não dizemos que seja uma coisa simples deixar de castigar. A ordem e a disciplina são o resultado final de todas as condições de trabalho na aula, e essas condições são, muitas vezes, ainda francamente degradantes”.* (p.407)

**Sinal verde:** Você suprimiu totalmente os castigos sob a sua forma de sanção automática.

**Sinal amarelo:** Você pretende suprimir os castigos, mas nota ainda freqüentes recaídas sintomáticas.

**Sinal vermelho:** Você acredita que os castigos são necessários, portanto aceitáveis.

**Invariante no.24:** A nova vida da escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida e do trabalho escolar pelos que a praticam, incluindo o educador.

*“A cooperação é consequência da Invariantes anteriores. Se você não obteve ainda suficientes sinais verdes, hesitará em entregar-se totalmente à cooperação. Pensará que as crianças não possuem experiência suficiente, que não têm consciência de seus deveres, que não são bastante ‘homens’, sendo pois necessário que manifeste sua superioridade e autoridade”.* (p.408)

**Sinal verde:** Você pratica esta cooperação total.

**Sinal amarelo:** Você possui uma cooperativa agregada à sua sala, mas ainda não está investida de todas as responsabilidades.

**Sinal vermelho:** Você quer conservar todo seu poder.

**Invariante no.25:** A sobrecarga das classes constitui sempre um erro pedagógico.

*“Em se tratando apenas de instruir crianças, talvez se pudesse aceitar, em certos casos, que elas fossem muitas.”* (p.409)

**Sinal verde:** Você dispõe de 20 ou 25 alunos por classe e assim tudo é possível.

**Sinal amarelo:** Você dispõe de 30 ou 35 alunos e assim tem muita dificuldade.

**Sinal vermelho:** Você tem um número superior a 35 alunos.

**Invariante no.26:** A concepção atual dos grandes conjuntos escolares conduz professores e alunos no anonimato, o que é sempre um erro e cria sérias barreiras.

*“As escolas pequenas, com menos de cinco, seis salas, continuam a ser ainda como uma pequena aldeia simpática, onde todos se conhecem e vivem em função uns dos outros, onde*

*os professores podem criar amizades, discutir entre si e seguir atentamente todos os alunos.” (p.410)*

**Sinal verde:** Você alcança mais facilmente o sucesso em seus trabalhos, pois atua numa comunidade de cinco, seis classes.

**Sinal amarelo:** Em condições especiais, você desenvolve um trabalho aceitável, mesmo atuando em um grande conjunto escolar, graças às condições locais, cursos separados ou mesmo classes de aperfeiçoamento.

**Sinal vermelho:** Você atua anonimamente em um grande conjunto escolar.

**Invariante no.27:** A democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não será capaz de formar cidadãos.

*“No século da democracia, quando todos os países, uns após outros alcançam a sua independência, a escola do povo não pode deixar de ser uma escola democrática” (p.411)*

**Sinal verde:** Você se esforça para organizar a democracia em sala de aula.

**Sinal amarelo:** Você, timidamente, tenta implantar a democracia em sua escola.

**Sinal vermelho:** Você se acha em plena escola autoritária.

**Invariante no.28:** Uma das primeiras condições da renovação da escola é o respeito à criança e, por sua vez, a criança ter respeito aos seus professores; só assim é possível educar dentro da dignidade.

*“O antigo provérbio recomendado aos adultos é inteiramente válido em sala de aula; Não faça aos outros o que não quer que te façam” (p.412)*

**Sinal verde:** Você fez dessa regra uma realidade em sua sala de aula.

**Sinal amarelo:** Você tem se esforçado para isso, mas ainda não conseguiu totalmente.

**Sinal vermelho:** Você ainda não humanizou seu trabalho na escola.

**Invariante no.29:** A reação social e política, que manifesta uma reação pedagógica, é uma oposição com a qual temos que contar, sem que possa evitar ou modificá-la.

*“A natureza humana é de tal ordem que os interesses criados se instalam egoisticamente, não importa onde; e se defendem, indo à injustiça e à violência, contra qualquer um que pretenda, em nome do progresso, perturbar a tranquilidade dos seus detentores”. (p.412)*

**Sinal verde:** Você domina esta posição.

**Sinal amarelo:** Você enfrenta essa oposição, sem contudo ter grandes esperanças de êxito.

**Sinal vermelho:** Você encontra demasiada oposição para avançar

**Invariante no.30:** É preciso ter esperança otimista na vida.

*“É assim: quanto mais jovem e inexperiente é o indivíduo, mais experimente a necessidade de avançar temerariamente. Quando a autoridade brutal crê tê-lo detido na sua arremetida, o vemos tomar clandestinamente veredas e atalhos para ultrapassar os obstáculos e rempreender imediatamente a sua marcha para frente” (412).*

Essas Invariantes Pedagógicas nos mostram a preocupação de Freinet em entender e respeitar a natureza da criança e as relações que ela estabelece com o mundo que a rodeia. Elas ajudam os professores a romper com as práticas escolares que anulam a criança e suas idéias e a construir uma escola mais humana, que prepare realmente para a vida.

## Cápítulo II - A Inclusão Escolar

A proposta de *INCLUSÃO* surgiu na segunda metade da década de 80, incorporando-se na década de 90 e adentrando o século XXI.

Esta proposta propõe um único sistema educacional para todos os alunos, sem exceções, responsável por oferecer uma educação de qualidade que não segrega, nem discrimina.

Segundo Mantoan (2001/1), os vocabulários “integração” e “inclusão”, no âmbito educacional, encerram a mesma idéia, ou seja, a inserção da pessoa com necessidades educacionais especiais na escola regular. Entretanto, quando empregamos a palavra *inclusão* estamos nos referindo a uma inserção total e incondicional. Quando usamos a palavra *integração* queremos dar a idéia de que a inserção é parcial e condicionada às potencialidades de cada aluno.

A autora, em seu artigo “*Integração X Inclusão – Escola (de qualidade) para todos*”, se refere à questão da inclusão usando, sabiamente, como metáfora, o caleidoscópio, pequeno instrumento que só funciona quando tem todos os pedaços juntos e, com eles, forma figuras complexas que nunca se repetem.

No sistema do caleidoscópio não existe uma diversificação de atendimento, cabendo à escola encontrar respostas educativas às necessidades específicas de cada criança, quaisquer que sejam elas. Neste prisma, a inclusão não admite a diferenciação pela deficiência, pela segregação de qualquer ordem, buscando soluções, que não excluem jamais o educando, nas escolas.

Nos últimos anos a inclusão vem sendo bastante discutido no âmbito educacional, visto que a educação é um fator de extrema importância para a formação do indivíduo e da sociedade como um todo.

De acordo com Werneck (2000), no cenário educacional, a busca de uma escola que atendesse a todos foi documentada pela primeira vez no México, em 1979. Nesta ocasião, por iniciativa da Unesco, foi assinado por um grupo de países, o Projeto Principal de Educação. Este projeto tinha por objetivo delinear e adotar medidas que fossem capazes de combater a elitização da escola na América Latina.

Conforme afirma a autora, outros documentos, igualmente importantes, se sucederam a esse primeiro. O mais divulgado foi a “Declaração de Salamanca”, assinada em 1994, que oficializou o ensino inclusivo de pessoas com deficiência no campo da educação comum.

A Declaração de Salamanca, documento sobre os princípios, a política e a prática da educação para as pessoas com e sem deficiências, recomenda que as escolas se ajustem às necessidades dos alunos independentemente de suas condições físicas, sociais e lingüísticas, incluindo aquelas que vivem nas ruas, as que trabalham, as nômades, as minorias étnicas, culturais e sociais. Defende ainda que para se promover uma educação inclusiva, os sistemas educacionais devem assumir que *“as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve adaptar-se às necessidades das crianças a assunções preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem”*. (BRASIL, Ministério da Justiça, 1994,p.4)

O Brasil se abriu para esta proposta, que tem como princípios a aceitação das diferenças, valorização da individualidade e identidade de cada pessoa, convivência dentro da diversidade humana, aprendizagem por meio de cooperação, por volta dos anos 90.

A proposta de inclusão ganhou força de lei com a aprovação da Constituição Federal de 1988: *“ a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade(...)”*- capítulo II, Seção I, art.205. Assim sendo, nossa visão inclusiva de educação é anterior à Declaração de Salamanca.

Além desse avanço, o artigo 208, inciso III, de nossa Constituição assegura *“[...] o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”*.

Lembrando que o termo “preferencialmente” se refere ao atendimento especializado e não ao atendimento escolar, pois este é obrigatório, dos 7 aos 14 anos, para todos os alunos, com e sem deficiências, nas escolas comuns!

O direito à inclusão de alunos com deficiência no ensino comum, também está contemplado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1994), onde se enfatiza que o processo educacional desses alunos deve ocorrer, “preferencialmente” na rede regular de ensino, buscando oferecer uma educação que seja capaz de: promover o

desenvolvimento integral do educando, formando pessoas produtivas e preparadas para viverem em sociedade. Mas na nossa Lei Educacional, a inclusão não é plena, total, entrando em choque com o que prevê a Constituição de 1988.

Este desencontro entre leis tem gerado muita polêmica, discussão e ainda encontra resistência, especialmente entre dirigentes de instituições de Educação Especial, pais, especialistas da área educacional e médica.

De acordo com Mantoan (2001/1)

*A educação especial tem sido, realmente um grande obstáculo à inclusão, em virtude de seus pressupostos, de suas práticas e atitudes conservadoras e tradicionais. O ensino dicotomizado em regular e especial define mundos diferentes dentro da escola e dos cursos de formação de professores. Esta situação perpetua a idéia de que o ensino de alunos com deficiência e com dificuldades de aprendizagem exige conhecimento e experiência que não estão à altura dos professores regulares.(p.232)*

Mantoan (2000) afirma que esta resistência do Ensino Especial à inclusão tem prejudicado o movimento a favor das escolas abertas às diferenças e que os discursos tendenciosos, proferidos por estes, centrado na deficiência das escolas comuns, têm desviado a atenção da sociedade e dos interessados no assunto.

A resistência à inclusão, segundo a autora, talvez se dê pelo fato de os profissionais da Educação Especial se sentirem ameaçados pelas possíveis transferências dos seus alunos às salas de aula das escolas comuns.

O objetivo da educação é incluir todos os alunos, garantindo-lhes um ensino de qualidade para todos, sem distinção. É um trabalho para todos e para que se construa uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as diferenças não sejam negadas e sim reconhecidas e valorizadas e questionadas na sua produção, dentro e fora das escolas.

Os alunos “normais”, na escola inclusiva, passam a ter acesso a uma gama bem mais ampla de papéis sociais, perdem o medo e o preconceito em relação ao diferente, desenvolvendo a cooperação e podem adquirir grande senso de humanidade, além de serem

preparados para a vida, porque desde cedo assimilam que as pessoas, as famílias e os espaços sociais não são homogêneos e que as diferenças são enriquecedoras para o ser humano em geral.

Já os alunos com deficiência aprendem e crescem com o seu grupo etário, sentindo-se parte da sociedade, encarando suas diferenças como algo que nos aproxima, que nos faz crescer, entendendo que todos nos somos diferentes, únicos, mas nunca inferiores.

Diferente da concepção de integração escolar, na qual o aluno é obrigado a adaptar-se à sala de aula comum, insistimos, a inclusão defende uma reforma na escola como um todo para atender todas as crianças, em exceção. Trata-se de um caminho oposto à padronização dos alunos que, não respeita a diversidade humana. Na perspectiva inclusiva, a diferença é encarada como parte integrante da complexidade humana.

Werneck (1999) defende que a educação inclusiva é uma alternativa fundamental para o homem encontrar sua verdadeira humanidade, já que a Educação Especial considera a humanidade de forma anômala.

A visão fragmentada do humano faz com que a realidade individual seja vista como algo independente da cultura e a diferença é então concebida como inata. O sujeito encarado como diferente, passa a ser sujeito de relações diferentes, nunca será “normal”, sendo reconhecido a partir de suas limitações e nunca a partir de suas habilidades.

Segundo Mantoan (2001/1):

*A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras, mas, no fundo, o que está em jogo é a incompetência do aluno, que “paga o mico” de um jogo desigual, de cartas marcadas pelo autoritarismo e pelo poder arcaico do saber escolar. (p.9)*

A maior parte das escolas se preocupam unicamente com a aquisição do saber científico pelo aluno, desconhecendo sua cultura, fazeres e saberes. A aprendizagem só acontece efetivamente quando o aluno se sente desafiado; ensinar conteúdos que fogem do mapa de compreensão do aluno acaba limitando sua capacidade de criação e a escola passa a produzir a exclusão.

Cabe à escola permitir que o aluno participe ativamente do seu processo de aprendizagem, capacitando-o a digerir as informações, questionando-as, criticando-as.

Nas escolas em que a inclusão realmente ocorre, as pessoas se apóiam mutuamente, essas escolas são acolhedoras e fogem de modelos pré-determinados, trabalham essencialmente com a diferença, como algo que nos identifica, nos aproxima.

Segundo Mantoan (2001/2)

*[...] entre as características do ensino ministrado nas escolas destacam-se a heterogeneidade das turmas, a troca de idéias e de experiências de vida diferentes, o diálogo e a convivência entre pares da mesma idade, o respeito mútuo, a aprendizagem compartilhada, de alunos e de professores, nas suas próprias escolas, as atividades abertas às mais diversas interpretações e abordagens dos alunos.(p.234)*

Para tal, faz-se essencial a valorização do espírito comunitário, investimentos em projetos que acentuem o direito de todos à livre expressão de idéias e sentimentos, propostas pedagógicas democráticas que contemplem as diferenças.

A inclusão respeita o caminho das descobertas, acabando com a competitividade, valorizando as habilidades de cada um.

Na escola inclusiva as perguntas que sempre estão presentes são: Como produzimos a diferença nas salas de aula? Que relações de poder constituem e sustentam? Como se constroem as identidades na escola? Que relações sociais e de poder sustentam esse processo?

### **Cápítulo III - Escola Curumim – nesta tribo cabem todos**

*A escola já não prepara para a vida,  
já não serve à vida, e está nisso sua  
definitiva e radical condenação.*

*Célestin Freinet, 1949.*

O descontentamento com o modelo tradicional de educação, que privilegia a racionalidade técnica, exercendo papel de controle, perpetuando o paradigma da sociedade excludente, imprimindo nos educandos a ideologia política, social e cultura defendida pelas classes dominantes, fazem surgir as primeiras propostas de Escolas Alternativas no Brasil, nas décadas de 60 e 70.

A educação alternativa defendia o ideário de uma educação transformadora, libertadora, que exprimisse um novo sentido à educação, que não se limitasse a reproduzir desigualdades e legitimar o poder do Estado hegemônico.



Gabrielle Mello Traico,  
10 anos – 4ª série

Esta idéia de educação “transformadora” foi rapidamente aceita no Brasil, principalmente pela classe média, que não se conformava com os abusos exercidos pelo governo militar, repressão, exílio, violência contra as pessoas que ousavam reagir, falar, indignar-se, contra a ausência da liberdade para aprender.

Neste cenário nasceu a Escola Cooperativa Curumim em 1978, idealizada por pais e educadores que abraçaram o ideal das escolas alternativas, buscando dar novos rumos à educação do país, tão manchada pelo autoritarismo do regime militar.

A grande preocupação destes pais e educadores era oferecer uma educação que preparasse para a vida, abrangendo toda a diversidade nela existente, ao contrário das escolas tradicionais, que negam o educando enquanto ser social, histórico, vivo!

Segundo Ferreira (2004):

*As principais idéias norteadoras do projeto eram de construção de  
uma escola verdadeiramente democrática, baseada nos princípios*

*da cooperação, da autonomia e do contato com a natureza. Uma escola onde a criança pudesse se desenvolver livremente.(p.44)*

A proposta desta escola tem como base a cooperação, a liberdade, a autonomia e a naturalidade.

Para viabilizar este projeto, a Escola Curumim foi construída inicialmente em uma chácara no bairro Guará, em Barão Geraldo, região afastada da cidade. A chácara era bem ampla, com espaço para que as crianças pudessem brincar livremente e com muita área verde, proporcionando o tão desejado contato com a natureza.

Em 1998, a escola mudou de endereço, passando a funcionar em uma outra chácara, também repleta de verde e muito espaçosa no bairro Chácara Primavera, em Campinas.

Cenário muito diferente das escolas tradicionais, com altos muros, paredes de concreto, a Curumim é uma escola peculiar, sua arquitetura é diferente, seus espaços parecem elaborados para serem únicos, especiais. Suas salas são de madeira, pré-fabricadas, suas janelas à altura dos olhinhos curiosos das crianças, que podem apreciar a natureza em toda parte. Árvores frutíferas, pássaros, borboletas enfeitam este cenário.



Área externa (parque) – Escola Curumim – 18/06/04

A idéia que permeava a organização administrativa e pedagógica da escola, também tinha como princípio assumir o caráter de cooperativa, mas por questões burocráticas esse ideal não se consolidou. Então, para garantir o funcionamento da escola, foi fundada a Associação Educacional de Campinas, mantenedora da Escola Curumim.

Em busca de um projeto pedagógico voltado à livre expressão, à cooperação, à autonomia e ao trabalho, este grupo de pais, professores e idealizadores da escola em

questão, encontrou na Pedagogia Freinet, trazida à escola pela professora Ruth Joffily, uma bússola para guiar o seu trabalho. Freinet defendia implicitamente “a educação para todos” e não concebia outra forma de educar a não ser pela própria vida da criança, tendo como eixo de sua pedagogia os valores acima citados.

Seguindo o mestre Freinet, a escola Curumim sempre defendeu o trabalho como gerador do conhecimento e respeita as diferenças humanas, oferecendo efetivamente uma educação de qualidade a todos seus alunos.

O ideal freinetiano de educação possibilita também a construção de um ambiente que respeite o ritmo de cada criança, aceitando as diferenças, criando condições favoráveis ao desenvolvimento da personalidade e dos talentos de cada um.

Como bem define Sampaio (1989):

*O que ele procurava, acima de tudo, era um caminho que satisfizesse todas as crianças, sem exceção, com suas diferenças de inteligência, caráter e posição social. Ele queria encontrar técnicas que pudessem ser utilizadas por todos, numa linha de interesse global da classe, sem causar problemas a nenhuma criança, respeitando o rendimento de cada um. (p.18) [Grifo nosso]*

Durante meu trabalho de campo na escola Curumim, pude observar que nesta escola freinetiana a inclusão, tão discutida atualmente no campo educacional, realmente acontece!

Em uma das minhas visitas pude presenciar uma fala da coordenadora Gláucia de Melo Ferreira com a turma da segunda série, que estava tendo um problema sobre o respeito entre as crianças. Ela dizia:

*“ Aqui na Curumim a gente sempre respeita o colega, valoriza que todo mundo é diferente, que cada um é um e todos têm o direito de serem respeitados”*

Depois do que ouviram, a turma refletiu e, em seguida, propuseram algumas alternativas para o problema como: desculpar-se por ofender o colega, respeitar sempre os amigos, ajudar quando alguém mostrar alguma dificuldade...

Na fala dessa coordenadora fica nítida a valorização da diferença e a preocupação com o respeito à individualidade de cada um pelas próprias crianças. E nas palavras de Mantoan (2003), encontramos uma definição que cabe à escola em questão:

*[...] as escolas de qualidade são espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, críticas, espaços onde crianças e jovens aprendem a ser pessoas. Nesses ambientes educativos, ensinam-se os alunos a valorizar a diferença pela convivência com seus pares, pelo exemplo dos professores, pelo ensino ministrado nas salas de aula, pelo clima socioafetivo das relações estabelecidas em toda a comunidade escolar – sem tensões competitivas, mas com espírito solidário, participativo. Escolas assim concebidas não excluem nenhum aluno de suas classes, de seus programas, de suas aulas, das atividades e do convívio escolar mais amplo. São contextos educacionais em que todos os alunos têm possibilidade de aprender, frequentando uma mesma e única turma.(p.64)*

A proposta de inclusão na Curumim foi sendo implantada aos poucos. A Escola Curumim sempre recebeu alunos com deficiências, mas a sistematização deste trabalho foi sendo construída ao longo de sua história.

Nas palavras de Ferreira (2004)

*Desde a fundação da escola tal trabalho vinha sendo realizado: Sempre tivemos, matriculados em nossas classes alunos com necessidades especiais. No entanto, não se tratava de um projeto sistemático, quer dizer, às vezes tínhamos alunos com tais características e às vezes não. Era preciso sistematizar esta prática, colocá-la como premissa do trabalho, incorporá-la como “normalidade” e não como algo excepcional, ou seja, precisávamos explicitar essa efetiva prática da diversidade, da pluralidade. Na*

*Pedagogia Freinet eu encontrava os princípios e os fundamentos capazes de ancorar tais práticas: instrumentos de trabalho em sala de aula que garantissem a possibilidade de respeito aos diferentes ritmos dos alunos, espaço para o exercício da livre expressão, para cooperação, para autonomia e o trabalho.(p.144)*

Acompanhando uma reunião pedagógica, pude observar o relato de uma professora da Escola, que participou diretamente deste processo de construção da identidade da Curumim como uma escola inclusiva. Em suas palavras, nota-se a insegurança vivida pelo grupo no início do trabalho com crianças com deficiência:

*“A gente tinha medo de perder o controle, de não dar conta, de chorar. A inclusão não era plena. Hoje a gente avançou muito, já sabe como lidar com as diferenças, o que fazer, como fazer... A inclusão é natural, agora. Foi um saber construído coletivamente, mas nem sempre foi assim como é hoje.”*

A construção desta "escola inclusiva", foi marcada por muita luta, pela difícil aceitação dos professores, receosos por suas vivências, ainda manchados pelo preconceito, pelo medo do diferente, acostumados a encarar as diferenças como algo assustador, que deveria estar de fora da escola comum.

Nas palavras poéticas de Tânia Laurindo (2003):

*Olhei e tive medo  
Fui remetida à minha infância  
Sem autorização no entanto  
De correr para um lugar seguro  
Para incluir foi preciso excluir  
De dentro de mim  
Os medos os preconceitos  
A compaixão estagnadora  
E criar a partir deste vazio  
Possibilidades de construir  
Vínculos e andar lado a lado  
Conseguir olhar sem medo*

Mas essas barreiras pessoais foram vencidas e, aos poucos, a escola conseguiu realmente tornar-se uma escola onde cabem todos.

Esses percalços vividos na construção desta proposta de inclusão na Escola Curumim, aconteceram justamente pelo objetivo principal da inclusão: envolver toda a escola em um projeto escolar, onde caibam todos.

Como sabemos, para que a inclusão realmente aconteça, a escola como um todo deve estar preparada para receber e oferecer uma educação de qualidade para todos os alunos.

Como já citado neste trabalho, a inclusão possui hoje respaldo legal, o que não minimiza o pré-conceito, já que as escolas foram “pegas de surpresa” pelas imposições da lei.

Muitas vezes o aluno com deficiência é aceito na escola mas não recebe nenhum apoio para que possa se desenvolver. O fato de a criança com deficiência estar na escola para ‘socializar-se’ já basta para muitos que consideram a inclusão um misto de caridade e de tolerância, desconsiderando o caráter educacional da escola.

Como afirma Núria Peres de Lara (2001):

*[...] talvez seja essa sua identidade, se é que podemos chamar de identidade a essa experiência de viver em um mundo no qual o melhor que se pode dizer de ti é que ‘já te deixamos estar aqui, que teu estar seja digno’. ‘Não podes fazer parte da sociedade, porém não és um sonho, aqui estás. Que fazemos contigo?’ (p.200)*

As escolas que ousam trabalhar com a inclusão, efetivamente, sofrem também com o preconceito, como é o caso da Escola Curumim. Supõe-se que se a escola tem um currículo que permite que crianças com dificuldades possam aprender normalmente, esse currículo é ‘fraco’.

Atualmente a inclusão na Escola Curumim acontece em todos os níveis: tanto a inclusão de crianças com deficiência como a inclusão social, ou seja, apesar de ser uma escola privada, a Curumim não é uma escola apenas para elite, pois crianças vindas das

camadas menos privilegiadas da sociedade têm seu espaço assegurado nesta escola. A Curumim mostra assim a sua preocupação em construir realmente uma escola popular, cumprindo com seu papel social e trabalhando realmente com todos, tornando sua clientela mais plural e mais uma vez, encontrando respaldo na proposta freinetiana de que a escola deve ser para o povo.

A inclusão das crianças provenientes de famílias de baixa renda acontece graças à um programa de bolsa de estudos implementado na Escola Curumim. Este programa concede às famílias descontos que vão de 60% a 85% da mensalidade. A bolsa integral não é oferecida justamente para não se fazer "caridade" na educação. A escola mantém este desconto durante todo o período em que a criança está cursando o Ensino Fundamental e as bolsas são concedidas por concurso.

O concurso implica a realização de provas de matemática e português, mas ressalta-se que essas provas não são classificatórias; elas apenas fazem um diagnóstico da aprendizagem dos alunos.

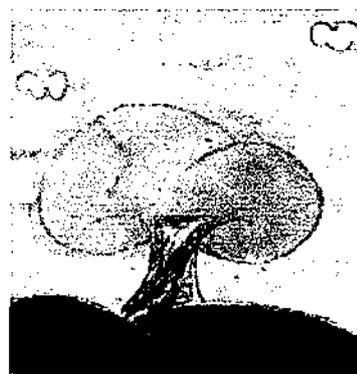
Os 'personagens' que compõe a história da Escola Curumim são reais, ímpares, únicos, cada qual com sua característica e especificidade, tornando o espaço desta escola muito rico e completo!

Volto a dialogar com Ferreira (2004), que sabiamente define:

*O que ocorre na escola é um diálogo com muitas vozes, muitas identidades que se somam, se completam, se contradizem, se enfrentam e, em todo esse processo crescem, se humanizam. (p.176)*

O projeto pedagógico da Escola Curumim é inspirado nos eixos da pedagogia Freinet: a Livre Expressão, a Cooperação, a Autonomia e o Trabalho.

As necessidades dos educando estão refletidas em seus fins educativos, que são: exprimir seus sentimentos e idéias; comunicar-se com os outros; criar; agir; conhecer; organizar-se e avaliar-se.



Lidiane Ferelle, 9 anos – 4ª série

Nas palavras de Freinet (1978/2):

*Na sociedade do trabalho, a escola assim regenerada e corrigida estará perfeitamente integrada ao processo geral da vida ambiente, uma engrenagem do grande mecanismo de que, hoje, ela está demasiado arbitrariamente desconectada.*

*[...]A necessidade, que acabamos de mencionar, de basear no trabalho toda a atividade escolar supõe que a escola dê definitivamente as costas à mania de uma instrução passiva e formal, pedagogicamente condenada, que ela reconsidere totalmente o problema da formação ligada ao da aquisição e que se organize para auxiliar as crianças a se realizarem por intermédio da atividade construtiva.(p.11)*

Na Escola Curumim, sem perder o objetivo de aproximar a vida da escola, cada um, paralelamente ao processo de ensino-aprendizagem, constrói, exercita sua autonomia, através das técnicas freinetianas que enriquecem tanto o trabalho do educando como do próprio educador.

Nada melhor do que as palavras de Freinet (1949) para explicitar a proposta educacional da Curumim e demais escolas congêneres:

*[...] eis a renovação: a criança tem sede de vida e de actividade. Utilizamos esta aspiração pondo à sua disposição os 'instrumentos' de instrução e de educação que consideramos úteis para a sua elevação e trabalhando na realização das condições materiais e sociais que a permitirão.*

*Aí se encontra certamente uma concepção original do meio educativo, uma técnica de trabalho totalmente diferente dos processos actualmente em uso, técnicas que não poderiam acomodar-se aos velhos instrumentos e nomeadamente aos manuais escolares, símbolo da pedagogia opressiva.*

*Está falseada toda a pedagogia que não se apóie em primeiro lugar no educando, nas suas necessidades, nos seus sentimentos e nas suas aspirações mais íntimas. Perscrutaremos, portanto, a alma da criança e para conseguirmos, temos uma técnica que se revela suficientemente operante: o texto livre, a tipografia na escola e a correspondência inter-escolar. Esta expressão espontânea será simultaneamente um florescimento das personalidades e uma oportunidade escolar para adquirir, ampliar e precisar as diferentes aquisições: língua, gramática, vocabulário, ciências, história, geografia, moral, enxertando logicamente, no interesse infantil assim exteriorizado, as disciplinas previstas no programa.(p.205)*

A preocupação com a formação intelectual, afetiva e social dos educandos é uma constante na proposta pedagógica da Curumim.

Essa escola estrutura-se como um espaço permanente de construção e reconstrução, tanto individual como coletiva de conhecimentos por educandos e educadores. O planejamento do ensino, fundamenta-se no questionamento constante das práticas desenvolvidas em sala de aula.

A proposta pedagógica da Escola Curumim mostra a preocupação em se trabalhar a favor de uma educação mais solidária, atendendo às necessidades de cada educando, oferecendo uma educação realmente de qualidade para todos os alunos, sem exceção.

A organização de uma tribo tem como base estrutural o trabalho e a cooperação, para que o convívio do grupo seja harmonioso e construtivo. Por isso a metáfora *tribo* à fantástica experiência inclusiva adotada na Escola Curumim que, como em uma tribo, sempre teve o trabalho como a grande fonte de suas ações não cotidianas e apenas educativas.

Nesta escola, realmente, “cabem todos”, pois a diferença é encarada como um aspecto enriquecedor das relações entre as pessoas. Somos diferentes, todos nós e isso conta muito na educação!

Seus educadores encontraram em Freinet, que definia o trabalho como motor da educação, tornando o trabalho o fio condutor de suas práticas educacionais, o guia para orientar suas práticas pedagógicas.

De fato, conforme Freinet (1985)

*O trabalho será o grande princípio, o motor e a filosofia da educação popular, a atividade da qual decorrerão todas as aquisições de conhecimento. (p.20)*

Desta forma, valorizando o trabalho, a experiência vivida, a inclusão acontece de uma forma muito sutil, natural na Curumim, já que o trabalho é para todos, envolve todos e é encarado como um instrumento de construção, de criatividade.

Não podemos também deixar de destacar a importância da força dada à singularidade, às habilidades de cada aluno para o sucesso no desempenho escolar.

Ao meu ver, é a partir desta ênfase no trabalho que a pedagogia Freinet torna-se ímpar para que a inclusão realmente aconteça, na Escola Curumim e em outras.



Ana Paula Santos, 9 anos – 4ª série

✕ A inclusão, tão discutida atualmente no campo educacional, não significa apenas “trazer o novo para dentro do velho”; ela não acontecerá efetivamente se a escola como um todo não aceitar que suas estruturas estão ultrapassadas e que a reforma é urgente!

Desta forma, incluir significa muito mais do que aceitarmos criança com deficiências ou outras dificuldades de aprender em nossas salas de aula, mas a proposta de inclusão vem para desconstruir os paradigmas que há séculos sustentam as escolas, rompendo barreiras, mudando as estruturas dessa escola que direciona olhares, prioriza o ensino frontalizado, desconsidera a individualidade do educando e todas as relações por ele estabelecidas para além dos muros da escola.

A escola que forma “iguais” ao invés de transformar cidadãos, adotando o modelo industrial de “produção em série”, ou seja, todos fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo, seguindo o modelo do professor, esse modelo competitivo, no qual as trocas entre os alunos são nulas.

A pedagogia Freinet, que conheci na Escola Curumim, em Campinas, nos faz constatar que é possível uma ruptura com as práticas educacionais que visam apenas transmitir conhecimentos prontos aos alunos.

O professor, nessa escola, deixa o papel de “modelo” para seguir lado a lado com seus alunos, no processo de aprendizagem, nunca “ordenando” para onde seguir, mas valorizando a capacidade criadora da criança, destruindo a reprodução, a repetição, que ignora a criação.

Nas concepções pedagógicas de Freinet, as questões levantadas pelas crianças são o ponto de partida para o trabalho do professor; essas questões são geralmente levantadas na “roda da conversa” e tornam-se um guia para as crianças buscarem seus conhecimentos.

Assim, o professor nunca dá respostas prontas, mas instiga a criança a construir seus conhecimentos, incentivando a descoberta, a pesquisa, valorizando a capacidade criativa do educando.



Paulo Emilio Amara, 11 anos – 4ª série

Na escola Curumim, notamos claramente a valorização das habilidades individuais e o respeito à identidade do educando, questões muito valorizadas por Célestin Freinet e que possibilitam a construção de uma prática educacional inclusiva.

Como bem traduz a orientadora pedagógica desta da escola em questão, Tânia Laurindo (2003):

*Por toda minha experiência na Escola Curumim, trabalhando com a Pedagogia Freinet, acredito que esta filosofia e os instrumentos desta Pedagogia possibilitam que o professor adquira segurança para construir caminhos que viabilizem o trabalho efetivo de inclusão com portadores de necessidades especiais .(p.32)*

Percebi, ao estagiar nesta escola, que trabalhar com a Pedagogia Freinet não significa a adoção de técnicas “mirabolantes” de ensino, mas assumir uma nova forma de encarar a educação e, principalmente, o educando.

Na Curumim, o respeito aos limites da criança é nítido. O que não significa que sejam trabalhadas apenas as limitações das crianças. Ao contrário, o trabalho propõe sempre novos desafios para que a criança cresça, busque sempre novos conhecimentos.

Os instrumentos brilhantemente idealizados por Freinet: os ateliês, o jornal de parede, o texto livre, a roda da conversa, estão presentes nas salas de aula da Curumim, mostrando a preocupação e o cuidado com a criação e produção da criança, com suas idéias e desejos.

Nesta proposta pedagógica, tornamos a afirmar, o interesse do educando ocupa um lugar central. O que surge primeiro são as questões, trazidas pela criança. A partir dessas questões, geralmente levantadas na roda de conversa, as crianças vão buscar o conhecimento, saem à sua descoberta.

A aprendizagem torna-se assim muito mais significativa para a criança, que não “engole” os conhecimentos transmitidos pelo professor; o conhecimento deixa de ser hierarquizado.

A livre expressão, um dos eixos da pedagogia Freinet, é facilmente percebida nas salas da Escola Curumim e tem como primeiro objetivo dar voz às crianças.

Nas palavras de Ferreira (2003):

*Buscamos favorecer a expressão que é livre dos estereótipos, que é livre das fórmulas prontas, livre dos constrangimentos. Buscamos a expressão autêntica e original. Que a criança possa verdadeiramente expressar seus sentimentos e idéias. (p.25)*

Observei nessa Escola que isso se torna concreto durante a roda de conversa, prática sempre presente na rotina das turmas. Nas rodas, as crianças trazem suas novidades, tendo a oportunidade de serem ouvidas e exercendo também a capacidade de escutar o outro. Todos falam nessa roda, independentemente de suas diferenças de idéias, sentimentos.

É a partir das conversas de roda que as turmas determinam seus projetos de trabalho. O professor por sua vez, tem a função de articular os saberes trazidos pelas

crianças com os conteúdos curriculares, tornando os interesses das crianças ponto de partida para a aprendizagem.

É ainda na roda que as crianças organizam, juntamente com a professora o trabalho a ser realizado, além de ser um espaço onde todos podem expressar-se livremente suas idéias e opiniões.



Turma da Lua e das Estrelas (1ª série) em roda – Escola Curumim, 13/10/04

Na Curumim, as próprias crianças organizam a “rotina” de trabalho, escolhem as atividades a serem desenvolvidas durante o dia. Isso não significa que sejam “livres” para fazerem qualquer coisa, elas têm autonomia sobre seu trabalho e tornam-se por ele responsável, escolhem-no seu trabalho e aprendem que devem cumprir suas obrigações escolares.

Segundo Melli (2001):

*[...] A participação dos alunos no planejamento é de crucial importância. Acreditamos que ao acolhermos as sugestões dos alunos estamos favorecendo o desenvolvimento da autonomia intelectual e moral. A aprendizagem é significativa para os alunos, quando suas idéias são respeitadas, seus interesses valorizados, mas também quando novos assuntos são propostos pelos professores, pois é preciso criar um clima de respeito mútuo e de colaboração nas turmas. (p.23)*

Essa rotina é organizada através do plano de trabalho que funciona da seguinte maneira: no início da semana as crianças escolhem uma meta de trabalho, com o auxílio do professor que orienta a escolha, se for preciso. O plano de trabalho ajuda a criança a organizar seu próprio tempo e definir o espaço onde o irá realizar suas atividades, dando-lhe autonomia e independência.

Além da meta da semana, as crianças organizam diariamente, anotando nesse plano, as atividades que serão realizadas no dia, mas nunca esquecendo da meta traçada no início da semana.

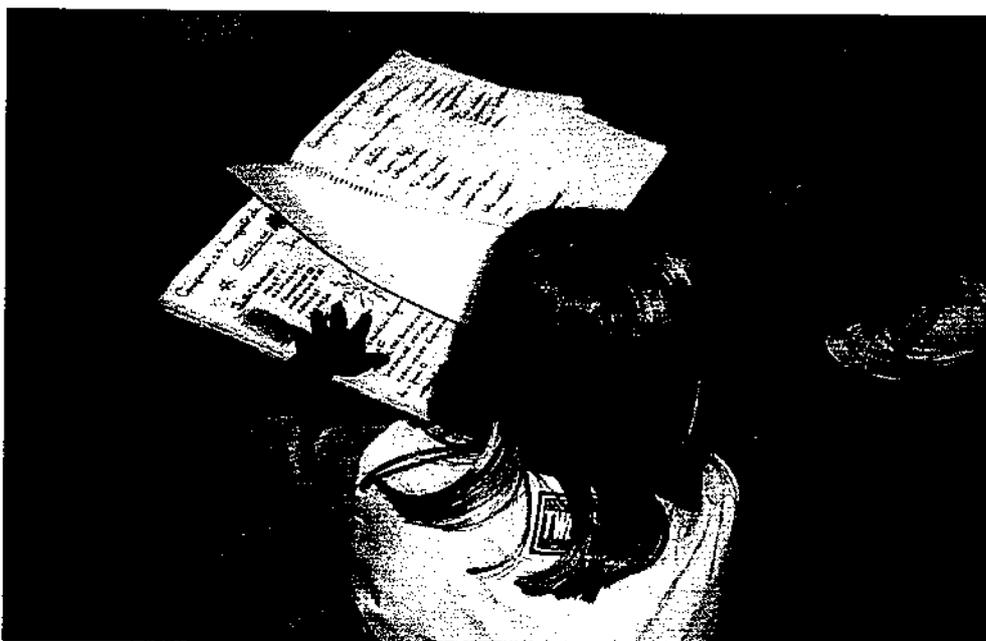
PLANO DE TRABALHO		seg	ter	qua	qui	sex
Escrita	Texto Livre					
	Carta					
	Ficha de Português					
	No computador					
	Jogo					
	Interpretação de texto					
	Correção de texto					
Leitura	Livro, Jornal ou Revista					
	Biblioteca					
	Leitura em Voz Alta					
Matemática	Ficha					
	Jogo					
	Caderno Auto Corretivo					
	Problemas					
	Operações					
	No computador					
Outros	LOGO					
	Pesquisa					
	Desenho					
	Fabricação					
	Artes					
	Livro da Vida					

Sou responsável:
Avaliação
Aluno(a)
Professora
Pais

Plano de trabalho Semanal da Escola Curumim - 2004

Há também nas salas de aula da Curumim o “Livro da Vida”, um livro de grandes proporções, onde as crianças registram os acontecimentos vivenciados pela turma, as descobertas, novidades, novos conteúdos aprendidos. Este é mais um instrumento da pedagogia Freinet de grande valia para a turma, pois o registro, o diário do grupo é um testemunho do trabalho.



Leitura do Livro da Vida - Turma da Natureza, 3ª série – 13/10/04

O Livro da Vida auxilia também a criança na aquisição da escrita, mostrando o verdadeiro sentido do escrever. A criança se apropria desta escrita, mesmo sem saber escrever, o professor assume então o papel de escriba, colocando no papel as idéias dessa criança.

No início do ano geralmente é o professor quem escreve no Livro da Vida, registrando a fala das crianças, suas idéias e opiniões. Aos poucos, as crianças vão se apropriando deste livro e transformando-o em um documento de identidade da turma.

O Jornal de Parede é outro instrumento da Pedagogia Freinet que desenvolve na criança a capacidade de criticar, expressar-se livremente. É também um momento e um espaço para as crianças conversarem, exporem idéias e opiniões, além de auxiliar na construção das regras da turma.

No Jornal de Parede encontramos envelopes com as inscrições: "Eu critico", "Eu felicito" e "Eu proponho", estes envelopes ficam a disposição das crianças para que elas depositem suas opiniões.



Leitura do jornal de parede – Turma da natureza, 3ª série – 13/10/04

Semanalmente o grupo se reúne para lerem e discutirem os comentários feitos, avaliando o trabalho, exercendo a capacidade de solucionar os problemas encontrados, refletindo sobre situações cotidianas e assim, internalizando e elaborando princípios e valores relacionados sempre a situações vividas pelas próprias crianças.

A avaliação é outro instrumento a ser destacado dentro do trabalho desta escola. Durante a "roda final" é comum os professores realizarem avaliações diárias do trabalho do grupo, avaliando o que deu certo naquele dia, o que conseguiram cumprir, o que precisa ser melhorado e por quê.

A avaliação na pedagogia Freinet é contínua e não se constitui num processo isolado, o que importa para este educador é o progresso do educando no processo de ensino-aprendizagem e não o produto em si, notas, promoções ou retenções.

Na escola em questão, as crianças se auto-avaliam, analisando a sua participação no trabalho do grupo, avanços e possíveis questões a serem melhoradas.

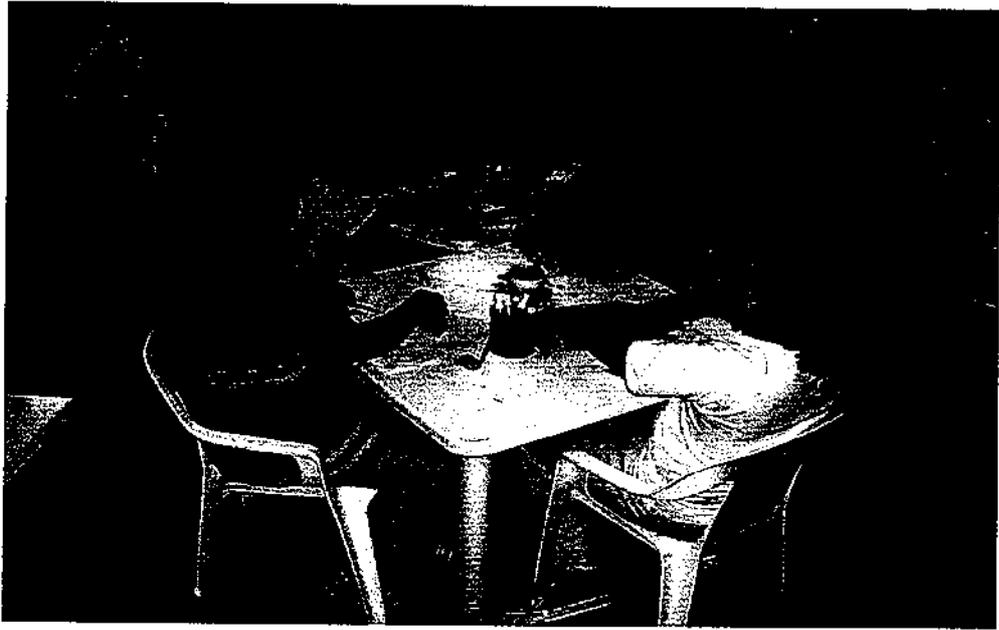
A auto-avaliação acontece semanalmente. Na agenda de cada criança há este espaço para que se avaliem e também para que os pais e professores escrevam sobre o comportamento da criança durante cada semana.

As avaliações específicas não ocorrem em um dia pré-determinado. O professor sente necessidade de avaliar algum aluno e assim o faz, sem ter a necessidade de todos serem avaliados ao mesmo tempo, mostrando mais uma vez a preocupação da Escola Curumim com a individualidade de cada aluno e o respeito pelos diferentes ritmos de aprendizagem para as crianças e para os professores.

É importante destacar que as avaliações não têm como objetivo “medir” quanto o aluno sabe, mas assumem o papel de mais um instrumento de aprendizagem para as crianças.

A meta de estudo é também determinada a partir da avaliação feita pelo professor e a criança sobre o desenrolar da semana anterior. Juntos, eles verificam o que “ficou faltando” e precisa ser mais trabalhado. Isso mostra mais uma vez o papel do professor como um guia, que orienta caminhos a serem trilhados, mas nunca aponta o “caminho certo”, possibilitando que a criança experimente e, entre acertos e erros, construa conhecimentos realmente significativos para sua vida.

As salas de aula desta escola são organizadas em ateliês diversificados, elaborados de acordo com os interesses do grupo, valorizando várias formas de expressão e de trabalho, respeitando as necessidades de cada educando, tornando-as verdadeiros "canteiros de obras" como define o próprio Freinet.



Ateliê de artes – Turma da Lua e das Estrelas, 1ª série – 22/09/04

Na Curumim a cooperação entre as crianças fica muito clara, especialmente neste trabalho nos “ateliês”, onde o respeito às idéias do outro, tornam-se primordiais para o sucesso e bom andamento do trabalho.

Talvez essa preocupação com a cooperação tenha impulsionado Freinet na elaboração de seus instrumentos, já que o autor acreditava que espaço da escola deveria ser, fundamentalmente, uma cooperativa.

Os ateliês podem envolver trabalhos manuais, pinturas, colagens, modelagens e também podem trabalhar com matemática, leitura, escrita, dependendo das necessidades de cada turma, das propostas de trabalho sugeridas na roda de conversa, etc. As regras do trabalho nos ateliês são criadas pelas próprias crianças, assim, mais respeitadas, pois eu, enquanto educando não vou querer burlar uma regra que eu mesmo criei.



Ateliê de artes – Turma da Criatividade, 4ª série – 22/09/04

O trabalho nos ateliês é fundamental neste processo de inclusão, pois contrário ao modelo tradicional de educação, nem todos devem estar fazendo a mesma atividade ao mesmo tempo, assim as habilidades individuais são valorizadas.

Destacamos aqui o trecho do artigo "A construção do afeto ou da paixão como segredo da vida", escrito pela orientadora pedagógica da escola, Tânia Laurindo e publicado em "Tateios" (publicação interna da Escola Curumim que reúne os artigos produzidos pelos professores):

*[...] tendo sempre claro a importância de atender as necessidades individuais, organizamos o trabalho em ateliês. Cada aluno ou grupo de alunos escolhe (dentro de um leque de possibilidades) o trabalho que irá realizar. Este tipo de organização me permite atender às crianças individualmente. Isto quer dizer as necessidades são mesmo diferentes: há aqueles que já estão num processo mais adiantado de alfabetização, há outros nos níveis intermediários e há*

*aqueles que estão iniciando. É importante dizer que não costumo dividir a classe segundo estes níveis, ao contrário, as crianças têm a oportunidade de trabalhar com os colegas segundo o projeto de trabalho, o que os une é o trabalho e não o nível de aprendizagem. Isto cria condições para trocas verdadeiras entre eles: trocas intelectuais, afetivas, sociais. É por meio deste processo que conseguimos criar um verdadeiro clima de solidariedade. É comum ver crianças de diferentes níveis trabalharem juntas num determinado projeto e, aí podemos ver claramente as trocas que se estabelecem: aquela que já domina melhor a escrita ao ensinar reorganiza seu conhecimento (reforça-se) e aquela que ainda não domina sente-se à vontade para fazer tentativas sem medo de errar pois o modelo (a outra criança) é mais próximo e não tão perfeito e inatingível como é o professor. São estas "técnicas" que criam um ambiente solidário.*

Os trabalhos feitos pelas crianças da escola Curumim são extremamente valorizados, pois são constantemente encaminhados para a biblioteca da escola em forma de livros ou álbuns que, posteriormente, servem de material de consulta para outras turmas. Neste contexto a aprendizagem se torna muito mais prazerosa e o educando consegue realmente sentir-se não apenas consumidor de conhecimentos, mas agente de produção de conhecimento.



Um dos instrumentos mais importantes da Pedagogia Freinet é o Texto Livre, que como diz o próprio nome, é um texto no qual a criança pode expressar-se livremente. O texto livre não tem um tema pré-determinado, as histórias emergem da imaginação das crianças, que escrevem sem medo.

O texto livre é a concretização da livre expressão, tão defendida por Freinet. Esses textos dão voz ao pensamento da criança, pois são escritos sobre o assunto que ela elegeu como importante, no espaço escolhido por ela, sem preocupações com a estética e estrutura do texto, desta forma a escrita torna-se prazerosa, criativa e traz consigo toda a espontaneidade da criança. Os textos produzidos pelas crianças são muito ricos em informações, detalhes e no vocabulário.

## PALAVRA DE CRIANÇA

### A CORRIDA

Rodrigo D. - 1ª série tarde - Turma do Hamster

Era uma vez uma selva africana onde os animais resolveram fazer uma corrida de obstáculos porque a zebra se achava o animal mais rápido da selva.

No dia da corrida a zebra e os outros animais foram apostar a corrida e o pássaro Bil falou "Já!", então todos saíram para a corrida e a zebra, como sempre, estava na frente. Passaram em um monte de obstáculos, então todos os animais ganharam, menos a zebra e ela nunca mais se achou.

### OS NÚMEROS

Patrícia - 3ª série tarde - Turma da Amazônia

Era uma vez o 5, o 4 e o 3. O 3 tinha sua irmã 13, a sua mãe 23, o pai 33, o pai do pai 43, a mãe do pai 53, o pai da mãe 63, a mãe da mãe 73. Eles e a família do 4 que é 4, 14, 24, 34, 44, 54, 64 e a 74 mais a família do 5 que é 5, 15, 25, 35, 45, 55, 65 e a 75 foram para a casa do 6 e do 7.

A família do 6 que é 6, 16, 26, 36, 46, 56, 66 e o 76 e a família do 7 que é 7, 17, 27, 37, 47, 57, 67, e o 77 mais as famílias do 3, do 4 e do 5 foram para a praia. O 3 se afogou, o 13 foi ajudar e também se afogou, o 23 também, o 33 também, o 43 também, o 53 também, o 63 também, menos a 73 que não se afogou. Então ela pediu ajuda para a família do 4. A família do 4 ajudou a família da 73. Depois disso eles se divertiram muito na praia. Foi um dia muito legal para todos os números.

### O CASTELO MUITO MAL ASSOMBRADO

Ana Paula e Aurilo - 4ª série tarde - Turma do Mundo

No meio de um lago tinha uma ilha, na ilha tinha um castelo, no castelo moravam seis vampiros sem dentes, três múmias sem braços, um palhaço assassino sem nariz, quatro esqueletos sem cabeça e um fantasma sem voz e que não podia atravessar paredes.

Todos eles dormiam em um só quarto, porque o resto das portas estavam trancadas.

Por fora do castelo havia vários morcegos e esqueletos deitados no chão.

O castelo tinha 1387 anos e ninguém nunca havia entrado lá. Até que um dia um homem muito curioso chamado Júlio decidiu entrar no castelo.

Entre a beira do rio e a ilha tinha uma ponte. Ele a atravessou e chegou no castelo.

Júlio, já com medo, entrou no castelo e começou a procurar se tinha alguém lá. Ele subiu até o primeiro andar e abriu a porta do quarto. Quando ele entrou, todos estavam dormindo, então eles acordaram e tentaram assustá-lo, mas Júlio começou a rir. Júlio perguntou:

- Por que vocês estão assim?

Então eles explicaram que eles estavam tão velhos que eles estavam tão velhos que estavam sem dentes, sem braços e outras coisas.

Um vampiro deu a idéia de jogarem um jogo e enquanto jogavam, eles se conheciam melhor. Enquanto eles conversavam Júlio teve a idéia: já que eram muito engraçados eles deveriam fazer "O castelo muito mal assombrado", que as pessoas pagariam para entrar no castelo e então eles apareceriam e fariam as pessoas rirem.

Então eles fizeram "O castelo muito mal assombrado" e fizeram muitas pessoas rirem.

Jornal de texto livre - Turma dos Porquês, 2ª série - 13/08/04

É neste momento que a imprensa escolar torna-se essencial em sala de aula, pois através da imprensa a criança pode materializar seu trabalho, além de a imprensa ser um

instrumento que favorece o trabalho de todos, tornando todos os textos legíveis, já que nem todas as crianças possuem uma caligrafia “exemplar”, sem erros.

Isso mostra a preocupação de Freinet em oferecer recursos para que todos aprendessem, tendo a oportunidade de mostrarem seus trabalhos, como destaca Elise Freinet (1979):

*O texto livre copiado por mãos desajeitadas perdia algo de sua verdade, de sua densidade humana. Encerrado nas páginas de maus cadernos, teria sido severamente criticado pelo Inspetor, quando este interrompesse na sala.*

*Como conservar nessas páginas de vida um aspecto que não traisse o elã que oralmente as havia suscitado?*

*Foi preciso apenas um pouco de sorte para que uma pequena impressora de provas saísse do ateliê de um modesto artesão para se tornar um instrumento pedagógico de primeira ordem na classe de Bar-sur-Loup. Nesse momento o texto livre ganha majestade do texto impresso.*

*[...]Esses textos saídos da impressora – e que, cheios de confiança, os alunos achavam magníficos – passavam de mão em mão, eram relidos, examinados palavra por palavra, suscitavam uma fixação da atenção psíquica, tornavam-se realmente propriedade pessoal de seu autor ou da classe. (p.27)*

Freinet utilizava como recurso o tipógrafo para imprimir e assim socializar os textos de seus alunos, pois acreditava ser de fundamental importância fazer com que o trabalho das crianças fossem valorizados e circulassem pela comunidade. Hoje, na Curumim, os textos são digitados e impressos no computador. É mágico ver a alegria das crianças ao verem seus textos saindo da impressora, ganhando forma, ganhando vida!

Quanto ao instrumento adotado pela escola em questão, trago as palavras de Sampaio (1989):

*[...] Freinet não queria implantar, através de suas técnicas, um método intocável, que não pudesse ser modificado. Pelo contrário, os correspondentes, ao apresentarem dificuldades em suas aulas, trocavam idéias, comparavam resultados e juntos iam com Freinet, construindo uma nova pedagogia, a 'pedagogia do bom-senso'. Era esse o espírito de Freinet: permitir, com o passar dos anos, que novas técnicas, novos instrumentos, viessem enriquecer e facilitar o trabalho de professores e alunos.(p.27)*

Freinet observou que com os textos impressos, as crianças se entusiasmavam em escreverem cada vez mais, assim, logo surgiu a idéia de se produzir o Jornal Escolar.

Vale destacar que existia e existe até hoje um cuidado muito especial com a impressão e publicação desses textos.

Na escola Curumim a criança elabora seu texto, apresenta seu trabalho à turma, o texto é corrigido pelo grupo todo, que também elege o texto que deverá sair no Boletim Informativo (jornal interno da Curumim – ANEXO 02), que circula pela comunidade escolar semanalmente.

O Jornal Escolar é organizado de acordo com as possibilidades e necessidades de cada grupo, por exemplo, a "Turma dos Porquês"( na escola Curumim, cada turma tem um nome, escolhido pelo grupo no início do ano, com o intuito de dar uma identidade à turma), da 2ª série manhã, está publicando semanalmente um Jornal de Textos Livres (ANEXO 03), separadamente do Boletim Informativo, este jornal conta apenas com publicações de textos, assim as crianças têm suas idéias conhecidas por todos!

Os Boletins podem conter inúmeras informações, este número do Boletim que apresentamos é apenas de texto livre, mas pode conter recados, notícias, descobertas, informações sobre aula-passeio, enfim, depende do interesse do grupo.

Com o intuito de ampliar os horizontes de relações e conhecimento das crianças, colocando-as em contato com outra cultura, Freinet lançou mão de mais um instrumento: a Correspondência Inter-escolar.

Na Escola Curumim, temos como exemplo a "Turma do Peixe", uma turma de Educação Infantil, que se corresponde com um grupo de crianças de uma escola Freinet lá

na França, pois a professora desta turma passou três meses deste primeiro semestre estagiando neste país, e quando voltou à Curumim sugeriu que sua turma se correspondesse com as crianças da escola onde estagiou. As crianças aguardam eufóricas as notícias vindas do outro lado do mundo e contam também, empolgadas, as suas descobertas, sua rotina, etc.

Essa experiência é muito válida, especialmente nas turmas de alfabetização que encontram o verdadeiro sentido da escrita, sua função social enquanto meio de comunicar-se, expressar-se...

Nesta proposta educacional, que tem a expressão, o trabalho, a criação da criança como eixo, torna-se primordial o papel do professor, como aquele que acolhe e respeita as idéias da criança, despertando um clima de confiança no qual o aluno sintase realmente livre para expressar-se.

Como define Elise Freinet (1969):

*Já não somos propriamente mestres, mas guias e amigos.*

*Em suma, trabalhamos sem regras fixas, procurando, todos os dias, tornar a classe mais viva e deixar a criança ter iniciativa no seu trabalho. Evitamos dar-lhe a papinha feita e encher-lhe a cabeça de coisas inúteis.*

*A única sombra poderá, quando muito, provir do nosso receio de não cumprirmos o nosso ideal.(p.302)*

A afetividade está sempre presente nesta relação entre professor e aluno na escola Curumim. Os professores, sempre muito compreensivos, em uma sábia mistura de bondade e firmeza, são atenciosos com as crianças e envolvidos em seus trabalhos e não perdem a ternura mesmo em situações onde a “bronca” se faz necessária. Essa “bronca” não faz com que o professor altere o tom de voz ou grite, pois a bronca acontece, mas sempre de forma clara e fazendo com que a criança reflita sobre suas atitudes.

Em uma das minhas visitas à Curumim, durante o trabalho escolar, a professora precisou sair da sala de aula, de uma turma de 2º. ano do Ensino Fundamental. Ao contrário

do que se espera, quando o professor “vira as costas, a bagunça reina”, as crianças continuaram trabalhando normalmente, mostrando o comprometimento com seus estudos.

Tal situação nos faz refletir sobre a importância de se trabalhar assuntos que despertem o interesse da criança. Com base na minha experiência como aluna de escola tradicional, posso afirmar que, certamente, se o trabalho não estivesse realmente envolvendo as crianças, a bagunça realmente reinaria, mas na Curumim o trabalho é encarado como algo criativo, atendendo às necessidades de cada um e, como já foi mencionado, as crianças escolhem suas atividades, então estão comprometidas com o que fazem e nesse sentido, não há motivo para bagunçar.

As crianças estão conscientes de que trabalham para si e não para “tirar nota” ou para o professor aprovar, assim tornam-se mais responsáveis por suas obrigações.

Segundo Mantoan (2001/2)

*[...] o que importa não é apenas o que o aluno aprendeu em tempo predefinido, mas como está avançando e o que precisamos manter e/ou modificar nas práticas de ensino, para que todos os alunos tenham oportunidades de assimilar os temas e disciplinas escolares, na medida de suas possibilidades, interesses, curiosidade, mas no seu estilo, no seu caminho, na sua maneira de ir aprendendo as lições e desenvolvendo as atividades propostas. (p.235)*

*[...] As disciplinas deixaram de ser o fim e de ter um fim em si mesmas e passaram a ser meio para se conhecer, para se explorar e redescobrir o mundo, cada aluno fazendo o uso delas, conforme suas necessidades e objetivos. (p.235)*

A escola está realmente empenhada em formar cidadãos, conhecedores de seus direitos e deveres, respeitando, reconhecendo e valorizando as diferenças. Isso ficou muito evidente em um dos meus encontros com a turma da quarta série, onde estuda um aluno com deficiência, que ficava rindo sem parar de outro aluno, que também era uma pessoa com

deficiência. A professora já havia combinado que quando ele começasse a rir (essa situação estava se repetindo diariamente) era para o outro ignorar e continuar trabalhando.

E esse aluno, mesmo muito irritado com as risadas do amigo, se controlava, até que resolveu fazer um “crítico” (técnica do jornal de parede) para o amigo, e escreveu: “eu crítico o H. porque ele não pára de rir de mim”.

A reação desta criança com deficiência foi muito interessante, pois ela demonstra ter conhecimento e adota comportamentos que tem a ver com direitos, deveres. Ela sabe disso, conhece e respeita as regras!

É impressionante, para nós que acreditamos na política da inclusão, nos depararmos com situações como essa que prova que a inclusão é possível e, absolutamente natural!

Destaco também que a proposta da escola Curumim valoriza todas as situações cotidianas, transformando-as em possibilidades de aprendizagem e até a hora do lanche torna-se um espaço para o exercício da cidadania, do respeito e cuidado com o outro.



Turma da Amazônia (3ª série) tomando lanche – 22/10/04

Todos os momentos vividos na Escola Curumim são encarados como espaço de aprendizado do exercício de cidadania. O lanche, por exemplo, é coletivo, ou seja, cada dia uma criança traz o lanche para toda turma. Assim, a preocupação em servir os colegas, dividir o lanche, faz com que as crianças, desde pequenas, aprendam a viver em grupo, tendo noções de regras, respeito ao gosto do outro, cuidado exercido ao servir o amigo.

A criança que traz o lanche do dia é responsável por escolher um ajudante e servir a turma, cortando as frutas, distribuindo o suco, oferecendo o lanche. O clima do refeitório é de bastante alegria e descontração, as crianças sabem seus direitos e deveres na hora do lanche e tornam este momento muito agradável. É interessante notar a preocupação das crianças em ajudar as crianças com deficiência, elas preocupam-se se estas estão sendo bem servidas, se estão se alimentando, num clima de cooperação.

Outro momento importante para as turmas da escola Curumim é a culinária, onde as crianças têm a oportunidade de prepararem o lanche para a turma. O cardápio é decidido através de uma eleição, em que as crianças sugerem opções de doces, salgados e sucos e a turma vota, escolhendo o “menu” que será servido.



Turma do Hamster, 1ª série, na aula de culinária – 16/09/04

Na cozinha as crianças verificam as medidas dos ingredientes trazidos de casa, pesam, comparam porções, misturam, dividem as tarefas: quem vai cortar os alimentos, lavar, mexer nas panelas, etc. Os lanches preparados por eles são saboreados com entusiasmo!

Faz parte projeto pedagógico da Curumim as aulas de Inglês, pois acreditam que conhecendo as diferenças culturais, a criança tem a oportunidade de abrir-se para o mundo.

A Informática também é uma das ferramentas utilizadas na Escola Curumim, aprimorando a qualidade da imprensa criada por Freinet e buscando atender às necessidades do século XXI.

O trabalho com o computador acontece nas aulas de Logo, uma linguagem de programação desenvolvida por Seymour Papert que permite que a criança faça pequenos programas no computador; este trabalho também faz parte do Currículo do Ensino Fundamental da Escola.



Aula de Logo – 16/09/04

Nestas aulas as crianças utilizam uma ferramenta usual em nossa sociedade, dando a ela um novo sentido. A criança não executa apenas programas pré-definidos. Com a linguagem Logo, é a criança quem planeja e programa as atividades que serão executadas pela máquina, digitando os comandos que serão obedecidos pela “Tat”, uma tartaruga (na verdade, um cursor) que caminha pela tela do computador, desenhando de acordo com os comandos dados pela criança.

A aula de música é mais um instrumento de criação e valorização das expressões das crianças da Escola Curumim. Nessas aulas as crianças cantam, compõem, aprendem a apreciar os diferentes sons, tons, o silêncio, os sons da natureza, conhecem diferentes instrumentos, constroem instrumentos, enfim, trabalham mais uma vez em comunhão com a proposta de Freinet, valorizando a livre expressão.

*A livre expressão facilita a criatividade da criança no desenho, na música, no teatro, extensões naturais da atividade infantil, progressivamente responsável por seus comportamentos afetivos, intelectuais e culturais. (Elise Freinet, p. 31, 1979)*

Neste primeiro semestre, a "Turma do Hamster", 1ª série, estava lendo o livro "A Bolsa Amarela", de Lygia Bonjunga Nunes, empolgados com a história de Raquel, personagem principal do livro, uma menina cheia de vontades, que vivia muitas aventuras junto com seus amigos: o Guarda-chuva, o alfinete, o Galo Afonso, que moravam dentro da sua bolsa, as crianças criaram, em Roda, uma música, contando esta história. A professora sugeriu então que esta letra fosse trabalhada pelas crianças juntamente com a professora de música, que se encarregou de encontrar uma melodia adequada, as rimas mais bonitas, deixando a música bem linda!

Campanas da noite eterna  
A letra amarela  
Vou eu quero te contar noce  
nao vai acreditar em uma  
historia inteligente de uma  
de uma bolsa diferente  
Era uma bolsa amarela aiai  
que nao estava na janela aiai  
Ela era grande e bela aiai  
E sua dona era a Raquel e  
cheia de vontades e o adulto  
Nunca a viu mas encontrou  
uma noiva guardada na  
bolsa amarela Ela ganhou da sua  
tia aiai E o seu fecho se abriu  
aiai quando a Raquel queria  
aiai nao sabia pra que mais  
ninguém. E o galo afonso apareceu  
E o brinquedo ficou preso dentro  
da bolsa amarela E num momento  
que chegou aiai o guarda-chuva  
apareceu aiai e o homem amarelo  
e do nasceu aiai E a lua desapareceu

Adaptação da música "Esperando na Janela" feita pela turma do Hamster (1ª série)  
Setembro/2004

Este trabalho tornou-se multidisciplinar, concordando com a proposta pedagógica de Freinet, pois envolveu a escrita, a livre expressão, a importância do trabalho em grupo, do respeito às idéias do outro, da cooperação, mostrando-nos o quanto é importante dar vida ao pensamento da criança, permitir que ela se expresse, crie, construa, trabalhe!

As aulas de educação física são também mais um espaço de cooperação, ao contrário do que se prega, a competição. Nestas aulas as crianças trabalham o corpo como um todo, não se limitando a jogar apenas 'o que sabe bem', experimentando os movimentos, conhecendo o próprio corpo.

É interessante destacar que todos participam, até mesmo os alunos que possuem limitações físicas. E a participação é efetiva, com direito a regras como todos e nada de ser "café com leite": todos jogam, conhecem as regras e devem cumpri-las.

Em uma das aulas de educação física que acompanhei, a turma estava jogando queimada, num determinado momento, uma criança que utiliza cadeira de rodas foi queimada, mas ela reivindicou que a bola tinha acertado na cadeira, portanto não valia! O grupo então se reuniu e estabeleceu esta nova regra: só vale queimar se a bola acertar no corpo, a cadeira de C. não vale, é fria!

Este movimento de inclusão permeia todas as atividades da escola Curumim, por isso podemos afirmar que a inclusão nesta escola acontece efetivamente, favorecida pela adoção da pedagogia Freinet que fornece instrumentos para que a criança possa aprender, se desenvolver de acordo com suas potencialidades, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem, as oscilações, os êxitos e deslizes que essa aprendizagem possa apresentar.



Quadrilha – Festa Junina – 19/06/04

Como nos fala Laurindo (2003) sobre a inclusão vivenciada na escola Curumim:

*[...] Não se trata de ignorar que há na escola os que aprendem mais rápido, que acumulam mais conhecimentos etc. Trata-se de trabalhar com a diferença sem torná-la medida capaz de cercear as possibilidades do aprender.(p.101)*

## Considerações finais

Ao realizar este trabalho, que tem como objetivo verificar as contribuições trazidas pela Pedagogia Freinet para a construção efetiva de uma escola, onde a inclusão de crianças com deficiência nas salas de aula comum realmente acontece, optamos por estudar e analisar o cotidiano e as relações estabelecidas na Escola Cooperativa Curumim, mergulhando em sua rotina, convivendo e conhecendo as crianças, professores, enfim, toda a comunidade escolar.

Neste processo pudemos entender mais profundamente a essência desta escola, reconstruindo sua história através de relatos, leituras e memórias trazidas pela comunidade que a compunha, conhecendo e refletindo sobre as situações cotidianas, relacionando a vivência prática aos princípios norteadores de sua proposta pedagógica, verificando a influência do ideário freinetiano de educação para uma escola aberta às diferenças.

Neste mergulho no cotidiano da Escola Curumim, pudemos notar que as crianças se identificam, constroem valores, visões de si e do outro, num profundo respeito a esse outro, trabalhando de forma cooperativa, como idealizou Freinet.

Analisando a proposta e a prática pedagógica da Escola Curumim, conseguimos identificar a preocupação e o cuidado de se trabalhar efetivamente a favor de uma educação mais solidária, atendendo às necessidades de cada educando, oferecendo uma educação realmente de qualidade para todos os alunos, sem exceção.

Pudemos constatar que o trabalho pedagógico freinetiano, permite realmente que as crianças interajam com o meio escolar, de acordo com suas potencialidades, respeitando as diferenças existentes nas salas de aula, o que acaba abrindo caminhos para que a inclusão de crianças com deficiência aconteça realmente.



Thaíz de Oliveira, 10 anos – 4ª série

Os benefícios trazidos pela Pedagogia Freinet não se limitam aos alunos com deficiência, ao contrário, criam condições para que os talentos e capacidades individuais contribuam para o trabalho de *todos* os educandos. E ainda possibilita a todos os educandos o respeito e a valorização desta diferença como algo que nos iguala, enquanto

seres humanos, além de promover o encontro entre todos, crianças com ou sem deficiência, mostrando que todos têm talentos, habilidades e fraquezas. Diferentes somos todos nós!

Espero que este trabalho possa abrir caminhos para novas propostas de inclusão escolar de alunos com deficiência, lembrando que a Pedagogia Freinet não é *o único caminho*, mas *um caminho possível!*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AREND, Hannah. Entre o passado e o futuro. 3ª.Edição. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ALVES, Nilda(org).O sentido da Escola. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

BIANCHETTI, Lucídio e Ida Mara Freire (orgs). Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania. Campinas: Papirus, 1998.

BRANDÃO, Zaia (org) A crise dos paradigmas e a educação. 3ª.Edição. São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei de no. 9394/96. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Justiça. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, 1994.

BRASIL.UNICEF. Declaração de Educação para Todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Brasília: Fundos das Nações Unidas para a infância, 1990.

FERREIRA, Gláucia de Melo. Cooperação e Democracia na Escola: Construção de parcerias no cotidiano escolar como formação continuada. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2004.

FERREIRA, Gláucia de Melo (org). Palavra de professor(a): tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. 5ª.Edição. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FREINET, Célestin. Oeuvres Pédagogiques. França: Éditions du Seuil, 1994. (edição francesa 1964).

FREINET, Célestin. A Educação do Trabalho. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (edição francesa 1949)

FREINET, Célestin. Ensaio de Psicologia Sensível. Vols I e II. Lisboa, Portugal: Presença, 1978/1.

- FREINET, Célestin. Para uma Escola do Povo. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1978/2.
- FREINET, Célestin. Pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 1985. (1ª edição francesa 1967)
- FREINET, Elise. Nascimento de uma pedagogia popular. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1978.
- FREINET, Elise. O itinerário de Célestin Freinet: nascimento de uma pedagogia popular. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1979.
- GOFFMANN, Erwiw. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- JANNUZZI, Gilberta. A luta pela educação do deficiente mental no Brasil. 2ª. Edição. Campinas: Autores Associados, 1992.
- LARA, Núria Péres. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo horizonte: Autêntica, 2001.
- LARROSA, Jorge e Núria Pérez de Lara (orgs). Imagens do outro. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LAURINDO, Tânia Regina. A educação pelo outro: Lorelai, uma experiência de inclusão. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2003.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org). Essas crianças tão especiais: manual para solicitação do desenvolvimento de crianças portadoras da Síndrome de Down. Brasília: Corde, 1992.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Ser ou estar, eis a questão. Compreendendo o déficit intelectual. Rio de Janeiro: WVA Editores, 1997.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Integração / Inclusão – escola (de qualidade) para todos. Pátio – Revista Pedagógica 2, (5), 48-51.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org). Pensando e fazendo educação de qualidade. São Paulo: Editora Moderna, 2001/1.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org). Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras. São Paulo: Memnom, 2001/2.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por que? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MELLI, Rosana. Verdadeira e simplesmente uma questão de vontade. In MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras. São Paulo: Memnom, 2001.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: repensar e reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

MUCHAIL, Salma T. O mesmo e o outro: faces da história da loucura *In* MARIGUELA, Márcio (org). Foucault e a destruição das evidências. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.

NAJMANOVICH, Denise. O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Anne Marie Milon Oliveira. Célestin Freinet: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica. Rio de Janeiro: Escola de professores, 1995.

SACKS, Oliver. O homem que confundiu sua mulher com um chapéu. Rio de Janeiro: cia. Das Letras, 1997.

SAMPAIO, Rosa M. W. Freinet: evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 1989.

SANTOS, Jaciete Barbosa dos. “ A dialética da exclusão/inclusão na história da educação de ‘alunos com deficiência’”. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.11, no.17, p.27-44, jan/jun.,2002.

SANTOS, Maria Sirley dos. In MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras. São Paulo: Memnom, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. "Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna". Revistas de Estudos avançados, São Paulo: USP, maio/agosto, 1998.

SANTOS, Jaciete Barbosa dos. "A dialética da exclusão/inclusão na história da educação de 'alunos com deficiência'". Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.11, no.17, p.27-44, jan/jun.,2002.

SILVA, Shirley e Marli Vizim (orgs). Educação Especial: múltiplas leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SMOLKA, Ana Luisa B. "O trabalho pedagógico na diversidade (adversidade?) da sala de aula". Caderno Cedes, no. 23, p.39 – 47, 1989.

TUNES, Elisabeth (org). Cadê a Síndrome de Down que estava aqui? O gato comeu...: o programa de Lurdinha. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

WERNECK, Cláudia. Sociedade Inclusiva: Quem cabe no seu todos? Rio de Janeiro: WVA Editores, 1999.

WERNECK, Ninguém vai ser bonzinho na sociedade inclusiva. Rio de Janeiro: WVA Editores, 2000.

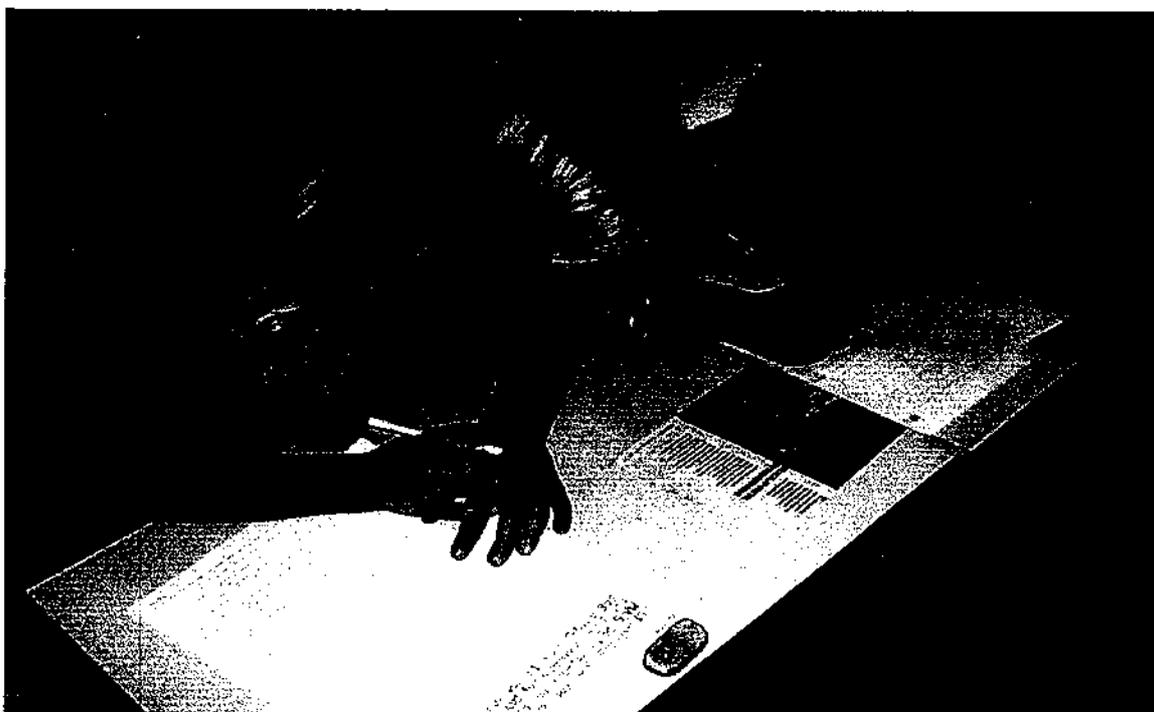
## LISTA DE ANEXOS

	Página
1. Fotos .....	69
2. Boletim Informativo.....	76
3. Jornal de Texto Livre .....	78

ANEXO 01  
FOTOS



Turma da Amazônia (3ª.série) no ateliê de leitura – Escola Curumim – 13/10/2004.



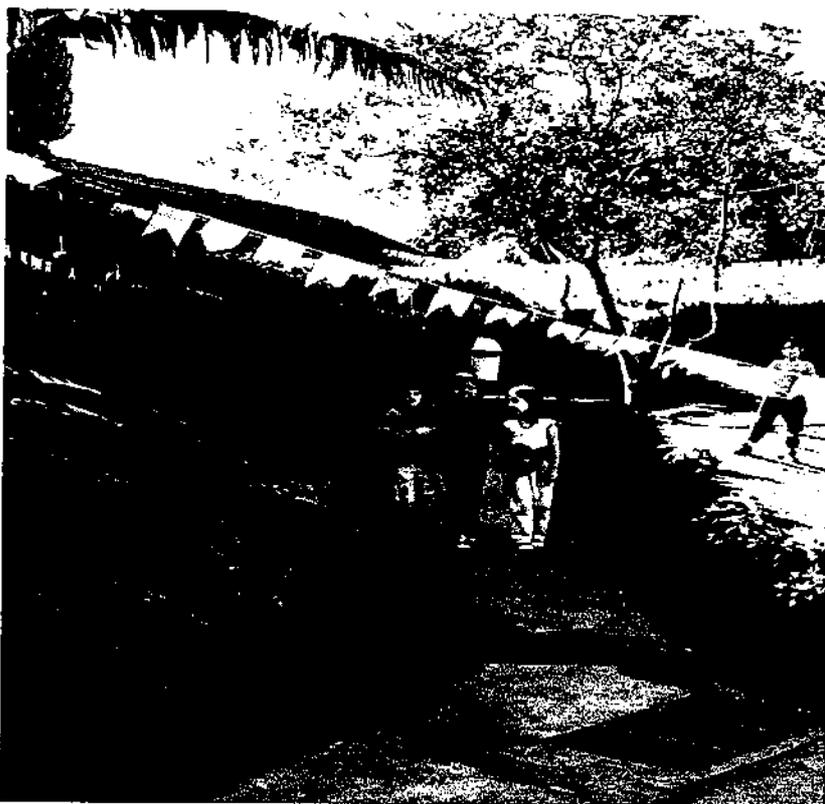
Rafaela e Paulo (1ª.série) trabalhando no ateliê de escrita – Escola Curumim – 13/10/2004.



Turma do Mundo (4ª.série) fazendo painel para festa junina – Escola Curumi – 17/06/2004.



Entrada da escola enfeitada para Festa Junina - Escola Curumim - 19/06/2004.



Crianças caminhando – Escola Curumim – 16/06/2004.



Turma do Peixe (pré) no refeitório – Escola Curumim – 25/08/2004.



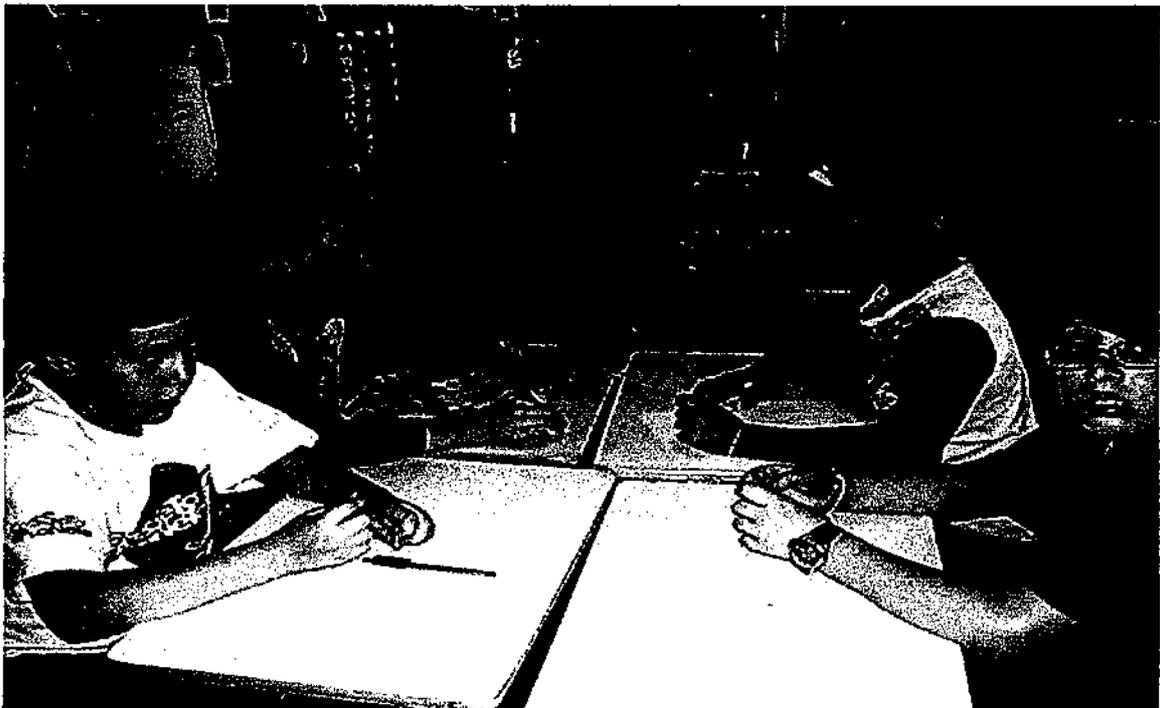
Turma do Pégasus (2ª. série) no refeitório – Escola Curumim – 25/08/2004.



Patrícia e Alessandra (3ª.série) escrevendo texto livre em frente à sala de aula – Escola Curumim – 15/09/2004.



Martin e Luís Fernando (4<sup>a</sup>. Série) trabalhando no ateliê de matemática – Escola Curumim – 13/10/2004.



Turma do Mundo (4<sup>a</sup>.série) trabalhando no ateliê de matemática e ateliê de escrita – Escola Curumim - 13/10/2004.



Turma do Globo Terrestre (pré) – Escola Curumim – 15/09/2004.



Trabalhos produzidos pela turma da 6ª.série nas aulas de Artes – Escola Curumim – 15/09/2004.

ANEXO 02  
BOLETIM INFORMATIVO



### PIQUENIQUE DA TRIBO DE PAIS

Amanhã, dia 20/11, nossa próxima oficina:  
**"VIVENDO A DIVERSIDADE".**

Mediadoras: Ana Cristina e Daniela (duas profissionais da área de psicologia ligadas ao atendimento de crianças e adolescentes em situação de risco)

**Programação:**

Início às 9:00h com um cafezinho e bolachas

das 9:30 às 12:30h a oficina

12:30h o nosso piquenique (cada um traz um prato para compartilharmos)

**Investimento:** R\$ 6,00 por adulto para cobrir os custos de monitoria para nossas crianças, a segurança e mais o trabalho das mediadoras. Serão bem vindas contribuições extras para esta atividade.

### PARTICIPE DA CAMPANHA: "CRIANÇA NOEL"

As turmas do jardim e pré da tarde estão arrecadando roupas e brinquedos usados e em bom estado para fazer doação a uma instituição de caridade. As doações podem ser encaminhadas diretamente para as turmas do Jardim tarde (profª Wânia) e/ou Pré tarde (profª Lucianna).



### AÇÃO FEAC

No dia 27/11, o grupo de alunos do Ginásio que participam do Projeto Cidadania e Voluntariado Jovem estará se reunindo para uma atividade no Lar dos Velhinhos. Os jovens estarão apresentando teatro, música e dançando com todo o pessoal.

### COMUNIDADE CURUMIM

#### CHÁCARA

Alugo para confraternizações. Pertinho da Curumim. Tratar com Cristina (Gabriel, Leandro, Nicholas, Sabrina). Fone: 3256 5062

ANEXO 03  
JORNAL DE TEXTO LIVRE



# JORNAL DE TEXTO-LIVRE

Turma dos Porquês  
Prof.: Vaniza

16 de setembro de 2004

2ª série

jornal n° 4

## A minha família

A minha mãe é magra.

E o meu pai é gordo.

A minha avó e o meu avô são magros. Mas o meu outro avô e a minha outra minha avó são gordos.

Meu padrinho e a minha madrinha são magros. Minha madrinha tem um bebê, que é uma menina muito esperta.

Minha tia tem um bebê que pensa que manda em tudo.

Eu gosto da minha prima.

Heitor F.



O basilisco

O primeiro basilisco de que se tem notícia foi criado por Herpo. Ele era um bruxo sujo das trevas, de nacionalidade grega e ofidioglota.

Herpo descobriu, através de experiências, que um ovo de galinha chocado por um sapo, produz uma cobra gigantesca, dotada de poderes perigosos: o basilisco.

O basilisco é uma cobra, cor verde vivo, que pode alcançar quinze metros de comprimento. O macho tem uma pluma vermelha na cabeça e suas presas são excepcionalmente venenosas.

Heitor M.